



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



Letícia Mikaella Lopes de Souza

**O Funk em disputa:
uma análise de títulos jornalísticos e suas narrativas estigmatizadas**

Mariana - MG
2021

Letícia Mikaella Lopes de Souza

**O Funk em disputa:
uma análise de títulos jornalísticos e suas narrativas estigmatizadas**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Prof. Orientador: Dr. Cláudio Coração

Mariana - MG
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S729o Souza, Leticia Mikaella Lopes De .
O Funk em disputa [manuscrito]: uma análise de títulos jornalísticos e suas narrativas estigmatizadas. / Leticia Mikaella Lopes De Souza. - 2021. 64 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Funk. 2. Mídia (Publicidade). 3. Mídia digital. I. Coração, Cláudio Rodrigues. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 78

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário ICSAUFOP CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Letícia Mikaella Lopes de Souza

O Funk em Disputa: Um Análise de Títulos Jornalísticos e suas Narrativas Estigmatizadas

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 26 de abril de 2021

Membros da banca

Prod. Dr. Cláudio Rodrigues Coração - Orientador(a) (UFOP)
Prof. Dr. Carlos Fernando Jáuregui Pinto - UFOP
Mestranda Solange Stéfane Santos - (PPGCOM UFOP)

Cláudio Rodrigues Coração, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 7 de maio de 2021



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Rodrigues Coracao, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/05/2023, às 12:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0526639** e o código CRC **3A6A59B5**.

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho significa finalizar uma etapa muito importante da minha história. E essa realização é possível graças ao suporte que recebo de tantas pessoas queridas e as quais tenho imensa gratidão.

Sou grata a todas e todos os professores do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto por dividirem o conhecimento comigo e me apontarem os diversos caminhos da profissão. Em especial, Denise Figueiredo, que me orientou com tanto carinho durante a iniciação científica e me deu a oportunidade de vivenciar momentos incríveis como pesquisadora.

Ao Cláudio Rodrigues Coração, meu orientador. Agradeço pelo carinho e paciência comigo, desde as aulas de Teorias da Comunicação até as vírgulas deste trabalho. Cláudio foi o professor em quem mais me inspirei durante o curso e aprendi sobre Jornalismo, Música, Literatura e principalmente, sobre sensibilidade. Obrigada por ter aceitado me acompanhar no TCC e sempre me trazer a memória de que eu sou capaz.

Obrigada à banca avaliadora: Carlos Bolívia pelas ricas contribuições na banca de TCC1 e pela presteza nesse segundo momento; Solange Santos, por aceitar mergulhar neste trabalho, mesmo que esse seja nosso primeiro contato.

Sou mais do que grata pelas amizades que fiz durante a graduação. Pessoas que além de momentos felizes, me deram a oportunidade de aprender sobre a vida e que são tão apaixonados pelo Jornalismo quanto eu: Carolina, Ivan, Vitório, Larissa Helena, Lethicia e Marcos. Muito carinho, amor e gratidão por vocês, amigos.

Obrigada Eduardo e Wallace por tantas vezes me ajudarem com este trabalho, me ouvindo, discutindo, falando e refletindo sobre música, angústias e também sobre sonhos. Vocês foram essenciais.

Sou grata também à minha casa e família Lança Perfume, por absolutamente tudo; aos colegas de turma 16.1; aos amigos que fiz em Mariana e tornaram tudo mais leve e, felizmente, são tantos, que não consigo citar aqui; aos que foram companheiros de trabalho durante o curso e o estágio na ACI- UFOP; aos meus amigos de Santa Luzia e de BH por sempre me acompanharem e nunca, nem por um segundo, estiveram longe.

Agradeço meus pais, Cacilda e Sérgio pelo amparo e pelo amor. Não tenho palavras para descrever o que o apoio de vocês significa. Meu irmão Guilherme, por ser meu revisor, professor de música e compartilhar comigo referências únicas sobre todas as áreas do

conhecimento; aos familiares que, de alguma maneira, se fizeram presentes e continuam torcendo por mim.

Agradecimento eterno a Universidade Pública por ter possibilitado minha formação.
Vida longa e digna ao Ensino Público!

E por fim, muito obrigada, Funk! Funkeiros e funkeiras que fazem meus olhos brilharem. Falar sobre algo que amo tanto é um privilégio, uma responsabilidade e uma alegria possibilitada pela resistência de vocês.

“Pode falar, discriminar, nosso som vai imperar
Diretamente da favela vou sempre representar...”

— *Mc Menor do Chapa*

RESUMO

Esta pesquisa aborda a *Cultura Funk* e as *disputas* sociais das quais ela participa para ser compreendida no Brasil e que são evidenciadas em títulos jornalísticos. Cultura, território e política são, neste trabalho, os campos de embate identificados e, posteriormente, analisados nas manchetes da mídia tradicional. Daremos enfoque a três veículos: Folha de S. Paulo, Portal G1 e O TEMPO. Destacamos, também, como eles têm participação considerável nos estigmas criados sobre o gênero Funk e quais são as consequências sociais disso. As descrições e análises estão ancoradas nas teorias da Cultura Midiática e, principalmente, nas vivências compartilhadas dos próprios funkeiros, mcs e djs. A pesquisa propõe um olhar crítico e reflexivo para as narrativas jornalísticas a fim de contestar todo o preconceito destinado ao Funk.

PALAVRAS - CHAVE: *Cultura Funk; Disputas; Mídia; Manchetes; Cultura.*

ABSTRACT

This research discusses *Funk Culture* and the social *disputes* in which it participates to be understood in Brazil and which are evidenced in journalistic headlines. Culture, territory and politics are, in this work, the fields of conflict identified and, later, analyzed in the headlines of traditional media. We will focus on three vehicles: Folha de S. Paulo, Portal G1, and O TEMPO. We will also highlight how they have considerable participation in the stigmas created about the Funk genre and what are the social consequences of this. The descriptions and analysis are anchored in the theories of Media Culture and, mainly, in the shared experiences of the mcs, djs and funkeiros themselves. The research proposes a critical and reflective look at the journalistic narratives in order to contest all the prejudice aimed at Funk.

KEY WORDS: Funk Culture; Disputes; Media; Headlines; Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	29
Figura 2.....	29
Figura 3.....	31
Figura 4.....	31
Figura 5.....	31
Figura 6.....	32
Figura 7.....	32
Figura 8.....	32
Figura 9.....	35
Figura 10.....	38
Figura 11.....	38
Figura 12.....	38
Figura 13.....	38
Figura 14.....	40
Figura 15.....	44
Figura 16.....	45
Figura 17.....	46
Figura 18.....	46
Figura 19.....	47
Figura 20.....	47
Figura 21.....	48
Figura 22.....	49
Figura 23.....	49
Figura 24.....	50
Figura 25.....	51
Figura 26.....	52
Figura 27.....	52
Figura 28.....	53
Figura 29.....	54
Figura 30.....	55

SUMÁRIO

Introdução	9
1.0 - Histórico do Funk no Brasil: “Um ritmo moderno, e muito maneiro, surgia assim o nosso Funk, no meu Rio de Janeiro”	12
1.1 - Subgêneros do Funk: “O funk é um só, mesmo se ele dividir, batidão forte pra dançar melody pra refletir”	15
1.2 - O Funk na atualidade: “meu Funk continua abalando e cada dia que passa, vai se modernizando, a massa da antiga e a nova geração”	18
2.0 - O funk em disputa: “Então bate de frente com a tropa”	19
2.1 - Cultura em disputa: “Funk é cultura sim e nas favelas é mó lazer”	19
2.2 - Território em disputa: “A batida perfeita encaixada na letra, foi o meu passaporte das rua”	22
2.3 - Mídia em disputa: “Nossa invasão é imparável, incansável, pela a rádio, internet, ou TV”	26
2.4 - Política em disputa: “calma, mãe, me revoltei com estado, se o funk virar crime eu serei o mais procurado”	33
3.0 - O Funk na boca do povo e da mídia: observação e análise de manchetes e notícias	41
3.1 - Manchete e Título no Jornalismo	42
3.2 - Análise: território, mais do que um lugar onde se pisa.....	43
3.3 - O que convém dizer ou não dizer é narrado pela mídia.....	48
3.4 - Cultura em disputa: “Funk é cultura sim e nas favela é mó lazer”	52
4.0 – Considerações Finais	57
Referências Bibliográficas	60

Introdução

A busca pela compreensão do mundo, da existência - minha e do outro - e das lógicas de interação social se faz possível por meio da linguagem. Percebi isso logo na infância e o desejo e a curiosidade me trouxeram ao Jornalismo e, neste trabalho, para o Funk. Não consigo citar um gênero musical que mais tenha marcado a minha existência, minha identidade e, principalmente, a minha linguagem do que esse. A minha motivação em pesquisar as dinâmicas e as disputas acerca do gênero se dá pela percepção de que essa experiência de reconhecimento não é exclusividade minha e que diferentes pessoas com diferentes vivências, possuem relação parecida com o Funk.

A *Cultura Funk* deu e segue dando conta de englobar questões coletivas e subjetivas em um movimento muito associado à resistência e à discussão delas. Talvez, a mais “polêmica” seja se consolidar como pertencente à cultura brasileira. Não que os funkeiros queiram ser *cults*. Não é isso. Nesse caso, pertencer a essa cultura tem a ver com o que se ganha - ou deixa de se perder - ao alcançar este status no Brasil.

Este trabalho nasce com a perspectiva de que o Funk, antes de qualquer coisa, é música, uma linguagem de expressão. E, sendo assim, ao se expressar por meio da música, os funkeiros podem mostrar diversas facetas da existência humana e periférica.

Uma delas e, para mim, a mais forte, é a ideia da subversão pela diversão, pela festa: ir contra o racismo, a pobreza, o machismo e outros preconceitos celebrando a linguagem musical e corporal.

Este é inclusive um dos motivos que fascinam um dos primeiros pesquisadores do Funk no Brasil, Hermano Vianna (1987), que, em dado momento, ao falar sobre o que despertava sua curiosidade nos bailes, ele escreve: "Mas tudo tendo em vista a volta para a festa. Era a alegria avassaladora dos dançarinos que me contaminava." (VIANNA, 1987, p.11). Seus estudos são muito utilizados por aqui e a justificativa para isso é que seu trabalho não está estacionado na Academia, mas circula entre estudantes e tem o reconhecimento dos próprios funkeiros.

Como participante e amante da *Cultura Funk* e seus eventos, além da diversão, todas as narrativas em torno dela sempre me interessaram. Essas questões aumentaram quando, em discussões levantadas em aulas, me atentei às recordações de perseguições sofridas pelo gênero. Os bailes, as festas, os mcs e djs estão em constante *disputa* para que o movimento permaneça. Seja ela de cunho territorial, político, social ou midiático, ou todos eles de uma só vez e, mesmo assim, a *Cultura Funk* ascende e se ressignifica, travando outras novas *disputas*.

O motivo dessa resistência é, para mim, algo encantador de se entender e, para isso, buscar na história a origem do movimento, entender seus desdobramentos e as raízes dessas *disputas* é relevante, pois o Funk é uma cultura diaspórica, crítica, envolvente, híbrida e brasileira. Sofre perseguições ao mesmo tempo que leva o nome do Brasil para o exterior e gera renda nas comunidades periféricas. A frase de Luiz Antonio Simas (2019) pode sugerir um dos tantos motivos para a resistência da *Cultura Funk*: “A festa é o espaço de subversão das cidadanias negadas.” (SIMAS, 2019, p.11)

Neste trabalho, me interessei em analisar as disputas inscritas nas manchetes de jornais popularmente conhecidos, algumas do Rio de Janeiro, inclusive, o “berço” do Funk. A mídia, como iremos de forma mais aprofundada abordar, foi decisiva para construir ideias negativas e estigmatizadas, como a associação do gênero à violência e à criminalidade, as quais perpetuam até hoje, embora o gênero tenha passado por diversas alterações.

Primeiro, a exclusão e invisibilização do gênero nas tevês e nos rádios: acessar os conteúdos era muito difícil e, quase sempre, só era possível nos bailes. Depois, a estigmatização e associação direta do funk e violência e o marcante “som de preto, de favelado¹” dito de forma pejorativa. Em terceiro lugar, o mais recente movimento da mídia se dá na consolidação dessa cultura. Ora, um gênero do mal, mas que, ao mesmo tempo, coloca o nome do Brasil em rankings mundiais de música e contribui para a economia. Micael Herschmann (1997), pesquisador que usaremos com uma das bases para esta pesquisa, neste sentido, afirma que: “o mesmo discurso que demoniza o funk é aquele que vai assentar as bases para a sua glamourização”. (HERSCHMANN, 2000, p.163)

Escolhi analisar e apontar tais *disputas* nas manchetes pois, como afirma Carlos Jáuregui (2010): “o título acaba sendo, muitas vezes, o único contato com muitos dos acontecimentos relatados num jornal”.(JÁUREGUI, 2010, p.26) Sendo assim, quais as reverberações deste único contato? E, ao falar do funk, o que, como e quanto um título pode ser implacável para a formação de uma opinião e, dessa maneira, prejudicar ou ovacionar o gênero? Os títulos, as manchetes jornalísticas são, neste trabalho, o campo em que as disputas em torno do funk acontecem.

Antes de avançar nas discussões, a definição do funk carioca dada por Adriana Carvalho Lopes em seu livro *Funk-se quem quiser: no batidão negro da cidade carioca*, é de extrema importância e completude para o trabalho:

¹ Música de Funk que ficou extremamente conhecida em 2005, quando foi lançada, e, segue como um hino do gênero. Os intérpretes e compositores são os cantores Amilcka e Chocolate.

O funk carioca. Mas o que seria isso? Uma música? Uma linguagem? Uma cultura? Qualquer um dos três, desde que compreendêssemos que a música não é apenas um som; tampouco linguagem e a cultura são estruturas autônomas e universais. O funk carioca é uma música, uma linguagem e uma cultura, pois é sobretudo uma prática social historicamente situada: uma forma de cantar, de expressar, de construir, de vivenciar e de sentir o mundo (LOPES, 2010, p.21).

A estrutura que propus para este trabalho passa por uma retomada ao histórico do Funk Brasileiro, seus subgêneros e o contexto atual. De maneira descritiva, procuro, primeiramente, entender a formação do gênero e sua trajetória no Brasil, sua relação com a mídia tradicional e com a sociedade. Autores e autoras estudiosos da área de comunicação, linguagem e sociologia me apontam um caminho para a formulação de hipóteses e, mais tarde, para as análises de manchetes de jornais e portais brasileiros. Uso, também como referência, os próprios funkeiros, músicos e djs. Eles, neste trabalho, são vozes cruciais para entender de fato, como as disputas ocorrem.

Conceitos como cultura, território e mídia, são, a todo tempo, trazidos à tona, a fim de conhecer seus possíveis significados e adequações à *Cultura Funk*. São eles que dão também um rumo para as análises dos títulos, que compõem a parte final do trabalho.

1. Histórico do Funk no Brasil: “Um ritmo moderno, e muito maneiro, surgia assim o nosso Funk, no meu Rio de Janeiro”

Pesquisar a história do funk no Brasil sem consultar os trabalhos de Hermano Vianna é quase uma tarefa impossível. O antropólogo paraibano foi pioneiro nos estudos desta área e muito contribuiu para que se iniciasse na academia a discussão de um fenômeno cultural que predominava nas comunidades brasileiras, sobretudo, nas do Rio de Janeiro: os bailes Funk. A primeira edição do livro *O Mundo Funk Carioca* foi publicada em 1998 e uma das metodologias utilizadas por Vianna consistia em visitar e participar dos bailes funks da época, o que dá proximidade e uma certa vivência a sua pesquisa.

Após a repercussão de seus artigos, Vianna ficou muito conhecido pela imprensa, que constantemente o procurava para sanar dúvidas sobre os bailes e o novo movimento que vinha se formando desde o final dos anos 1970. Por dominar o assunto até então inexplorado pela mídia, ele começou a ser tratado como o descobridor da *Cultura Funk*. No entanto, ele faz um importante comentário acerca dessa denominação inapropriada:

Outros artigos, que se seguiram ao meu, chegaram a se referir ao *baile funk* da Estácio de Sá como minha ‘descoberta’. Esse(s) termo denuncia a relação que a grande imprensa do Rio mantém com os subúrbios, considerados sempre como território inexplorado, selvagem, onde o antropólogo pode descobrir ‘tribos’ desconhecidas, como se estivesse na floresta Amazônica. (VIANNA, 1970, p.12)

Essa declaração mostra a realidade da época e pode levantar uma questão acerca do registro da história do Funk brasileiro. Por aqui, para entender como ele nasceu, precisamos recorrer principalmente aos que viveram e iniciaram o movimento, pois as mídias tardaram em reportar. Ao me referir a mídia nessa pesquisa, falo sobre a mídia tradicional, a qual é considerada e se considera consolidada e possui os veículos formais de comunicação.

Ao consultar os trabalhos de Vianna, entrevistas de funkeiros e frequentadores da comunidade, o começo dos bailes funks no Brasil é descrito de várias maneiras e apresenta algumas semelhanças. O funk é um gênero de raiz negra, com influência norte-americana e de espírito nacional. Diversão e resistência são as duas características marcantes que impulsionaram o movimento.

O Funk surge no Brasil no final dos anos 1970, no mesmo contexto em que nos Estados Unidos a música negra denominada soul era a principal tendência entres os jovens, sobretudo os negros. O soul nasceu de uma junção do blues com a música gospel e, nas ruas, foi incorporando novos significados e sentidos para além da diversão. Com a música, nascia um

novo jeito de resistir, de falar, de pensar e de se expressar. O nome mais famoso do soul talvez seja o de James Brown. O cantor ficou famoso pelos seus gestos característicos e apresentações envolventes que serviam também como manifestos e buscas por direitos civis da população negra. Em uma música de 1968, Brown canta “Say It Loud - I'm Black And I'm Proud, em português algo próximo de “Sou preto e estou orgulhoso”. A partir daí, várias interferências vão surgindo e construindo o que hoje é chamado de Black Music.

Com a Black Music, surge um novo jeito de viver, podemos assim dizer. Os grupos passaram a ter um jeito de tocar, de cantar, de dançar, de falar e de se vestir, formando o movimento denominado Hip-Hop. “O rap é a música hip hop, o break é a dança hip hop e assim por diante” lembra Vianna.

Neste mesmo tempo, no Brasil, as músicas norte-americanas faziam cada vez mais sucesso. Em uma festa na Zona Sul do Rio de Janeiro, na casa de shows chamada Canecão, ficou conhecido como Baile Proibidão. O discotecário Ademir Lemos e o locutor de rádio Ademir Boy organizavam a festa, que tocava os sucessos da Black Music. No entanto, o movimento causou mal estar na vizinhança e autoridades deram a ordem que proibia o acontecimento da festa. Mal sabiam que esta proibição seria um dos impulsos responsáveis pela difusão dos bailes nas periferias do Rio de Janeiro.

Após a proibição, os Djs começaram a ocupar os ginásios, quadras e, finalmente, as ruas. Cada vez mais lotadas, as festas eram organizadas por discotecários e djs que pouco a pouco introduziram novas mixagens e ritmos às músicas até chegar nas batidas que hoje denominamos como Funk. Sobre a origem do nome Funk, Hermano Vianna escreve:

Funk segundo o Webster Dictionary - “foul-smelling; offensive”) deixou de ter um significado pejorativo, quase um palavrão, e começou a ser um símbolo do orgulho negro. Tudo pode ser funky: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma maneira de tocar música, que ficou conhecida como funk. Se o soul já agradava aos ouvidos da “maioria” branca, o funk radicalizava suas propostas iniciais, empregando ritmos mais marcados (“pesados”) e arranjos mais agressivo. (VIANNA. 1970 p.46)

Em 1975, esses bailes começaram a ser denominados pela imprensa como movimento “Black Rio” e, mesmo em situações precárias no que diz respeito a equipamentos e espaços, as festas aconteciam praticamente todos os dias em vários subúrbios do Brasil. O movimento crescia tanto que foi homenageado por Gilberto Gil na canção “Refavela” em que canta:

*A refavela
Revela o passo
Com que caminha a geração
Do black jovem
Do black-Rio
Da nova dança no salão*

Enquanto rolavam as mixagens nos bailes, muitas vezes cliques com cantores estrangeiros e famosos eram projetados em telões na tentativa de criar o “orgulho negro”. Na época, os cabelos black e a roupagem do soul norte-americano ficaram em alta nas comunidades brasileiras.

Em 1987/1988, Marlboro diz ter criado a “fórmula certa” para que o movimento funk estourasse de vez no Rio. O Miami Bass era o ritmo do momento nos Estados Unidos e, em consequência, respingava no Brasil. Marlboro teve então a ideia de introduzir palavras cantadas - e não faladas como eram no rap - e começava então a consolidação do Funk Brasileiro.

Como a maioria dos discos e músicas eram importadas, era de costume que nos bailes tocassem músicas em inglês. Com o tempo, começaram as paródias em português em cima das letras originais. A primeira delas a ficar muito famosa em 1989, foi mixada por Marlboro e recebeu o nome de “Melô da Mulher Feia”, referência a música Do Wah Diddy do grupo estadunidense Live Crew. Com isso, o funk continua com a bandeira do orgulho negro, mas agora assume o apreço pela festa, o direito da diversão, da picaragem e malandragem carioca, como cantavam os melôs.

As produções aumentavam junto com a aderência aos bailes. DJ Marlboro foi o primeiro a gravar um disco inteiramente de funk brasileiro, o *Funk Brasil*. No entanto, o disco não foi muito bem recebido. Hermano Vianna (1990) relembra como isso aconteceu no lançamento:

A gravadora do disco, Polygram, não fez qualquer esforço para divulgar seu novo produto. Na mesma época, estava sendo lançado o LP *Burguesia*, do cantor de rock Cazusa, e todo o esquema promocional da gravadora estava empenhado em vender este último disco. Para surpresa do pessoal da Polygram (apenas um de seus diretores, aquele que contratou Marlboro, acreditava que um disco de hip hop brasileiro pudesse ser sucesso), as vendas do disco *Funk Brasil* superaram por meses aquelas do *Burguesia*, chegando até a superar a marca das cem mil cópias vendidas, número que no Brasil equivale ao “disco de ouro”. Esse sucesso inédito (foi o primeiro disco de hip hop carioca) e imprevisto não facilitou em nada a divulgação do LP *Funk Brasil*. As rádios (com exceção da Manchete FM, onde o próprio DJ Marlboro tinha um programa) não tocaram suas músicas e a televisão não gravou videoclipes com elas. Mesmo assim, nas ruas do Rio, era possível ouvir várias pessoas cantarolando a *Melô da mulher feia* ou a *Melô do bêbado*, grandes sucessos do *Funk Brasil*. (VIANNA, 1990, p.249)

Mesmo em meio a tentativa de invisibilização, outros nomes importantes foram aparecendo no mundo da *Cultura Funk* e, outras cidades e estados, como São Paulo, foram entrando em cena. Em cada lugar, cumprindo o que se espera de uma manifestação cultural legítima, o ritmo foi se adaptando às diversas vivências. Começam também a ganhar diferentes nomeações como Funk Consciente, Funk Proibidão, Funk Ostentação, Funk Putaria e o mais

recente Funk Pop, estilo esse em que o Brasil ganhou ainda mais visibilidade com cantoras como Anitta e Ludmilla.

1.1 Subgêneros do Funk: “O funk é um só, mesmo se ele dividir, batidão forte pra dançar melody pra refletir”

O Funk Consciente, subgênero marcado por denúncias e descrições cotidianas das periferias, ficou marcado no Brasil pela dupla Cidinho e Doca. Os versos do “Rap da Felicidade” são conhecidos por todos e, inclusive, cantados na abertura das Olimpíadas no Brasil em 2016. “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar” revelam o tom das músicas que eram dançadas e tocadas nos bailes. A realidade social e as reivindicações eram os temas das composições e se espalhavam pelas comunidades. Em entrevista para o Portal Correio Brasiliense sobre a atualidade do Funk, Cidinho e Doca afirmam: "Continuamos com nossa origem que é o consciente! A gratificação é muito grande em ver que apesar de tantos anos passados, nossa música ainda continua em evidência em muitos lugares do mundo. Somos muito queridos tanto pelos internautas quanto pela mídia em geral" (CORREIO BRAZILIENSE, 2018).

Hoje o funk consciente continua existindo e ganhando adeptos. É interessante perceber que essa consciência acompanha as pautas da sociedade, inclusive o feminismo. Mulheres funkeiras ocupam a cena para falar sobre suas projeções e ambições. Um dos importantes nomes do Funk Consciente atualmente é o da Mc Juju. A paulista de apenas 13 anos se tornou um hit com a música “Vontade de Vencer” em que canta:

*Os oponentes sempre tentam te destruir, te rebaixar
Com muita força e muita garra isso não vai te afetar
Vitorioso é quem se esforça e que não deixa de lutar
Com pensamento positivo e nunca desacreditar
Acredite em ti, todos podem conseguir
Basta você se esforçar e não pensar em desistir.*

Nessa levada de descrever e narrar a vida, os funks começaram a falar sobre sexo de forma explícita nas composições e fazendo cada vez mais sucesso. Nasce mais um subgênero, o Funk Putaria, termo polêmico tanto quanto as músicas. Alguns funkeiros dizem que o tema sexo também se encaixa no Funk Proibidão enquanto outros defendem a necessidade da vertente Putaria. Nessa questão, o único consenso é que ao falar sobre sexualidade, o gênero passa a incomodar ainda mais.

Na crítica “Mora na Filosofia: Funk Putaria é lixo”, escrita pelo musicólogo Carlos Palombini (2011), ele defende que “O que se pode traduzir por putaria é cultura”:

A Putaria toma arquétipos sexuais, por definição sexistas, que são representados e reprocessados por DJs, MCs, dançarinos e ouvintes. Mas o sentido da Putaria não está nos arquétipos, e sim nos usos que se faz deles. Ele só pode ser entendido com referência a situações concretas em contextos específicos. A sexualidade mirabolante do funk carioca é uma fantasia, tão mais efetiva quanto mais distante da realidade, quanto mais derivativo e musical o sentido que lhe seja atribuído. (PALOMBINI, 2011)

Conseguimos trazer outro questionamento a respeito da desmoralização do Funk Putaria se nos atentarmos que a combinação da música e sexo não começou no Funk. Rock, pagode, sertanejo e tantos outros ritmos são constituídos por letras que não só falam de sexo, mas reforçam machismo, abusos e violência. Novamente, o motivo dessa perseguição está atrelada a característica diaspórica do Funk e a incessante tentativa de criminalizá-lo.

Em meados de 2008, derivado do Funk Proibidão, se fortalece em São Paulo (capital e região metropolitana) o Funk Ostentação. A nova vertente muda o foco principal das narrativas apresentadas nas letras das músicas, o que significa que as referências à criminalidade diminuem enquanto o incentivo ao consumo se torna protagonista. No artigo “Imaginários de uma outra diáspora: consumo, urbanidade e acontecimentos pós-periféricos” a professora Rose de Melo Rocha o descreve da seguinte maneira:

(...) a versão “ostentação” traz alusões ao consumo de grifes famosas, ao dinheiro, às bebidas, aos carros e às mulheres, associado a um padrão de vida e consumo das classes altas, em videoclipes musicais (forma privilegiada de divulgação dessa música), que lembram o gangsta rap norte-americano. Os videoclipes mostram jovens rodeados por esses ícones luxuosos, cobertos por correntes e anéis de ouro e por roupas, óculos e bonés de grifes como Oakley, Hyundai, Rolex, Tommy Hilfiger, Armani, Lacoste, entre outras, em que certo imaginário de sucesso, prestígio, inclusão mostra-se como um forte componente ligado ao consumo. (ROCHA, 2015, p.106)

Como destaca Rocha, o nome Funk Ostentação é autoexplicativo. Neste momento, a juventude funkeira mostra que também pode ter ambição, conquistar fortunas e ocupar os lugares que quiser. Em outro momento do texto, a autora lança a hipótese de que essa ostentação tem referência direta à necessidade do subalterno em se afirmar - não se inserir - na alta sociedade.

Foi nesta época que o Funk ganhou uma maior visibilidade nas mídias, principalmente no Youtube, onde os vídeos eram postados e ganhavam imensa repercussão. Esse estouro está

contextualizado a um momento de crescimento e aquisição de smartphones, Em uma reportagem, o site Kondzilla afirmou:

De acordo com dados do levantamento Data Favela, em 2013 a venda de smartphones no Brasil cresceu 122%, sendo que 58% dos aparelhos no país estavam nas mãos das classes C, D e E. Estas mesmas classes possuíam 60% de todos os computadores do país e 46% dos tablets. O efeito desta inclusão digital apareceu na lista dos nomes mais buscados no Google naquele ano: dentre o top dez, três eram funkeiros. O líder das pesquisas era o MC Daleste. (KONDZILLA, 2020)

Inclusive, a Kondzilla, criada por Konrad Dantas, jovem de 25 anos na época, morador da Cidade Tiradentes, bairro da zona leste de São Paulo, é uma produtora de alto porte especializada em clipes de Funk e nasceu com o Funk Ostentação.

Em 2010 esse subgênero está no topo das paradas musicais. Não coincidentemente, o Brasil vivia a era Lula, grandes programas e auxílios sociais. A ascensão econômica possibilitada por eles fez com que a periferia começasse a consumir mais, aderir marcas, frequentar novos lugares e, evidentemente, cantar sobre isso. Para se ter uma ideia sobre o crescimento econômico e a mudança de vida que ocorria naquele ano, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 7,5% o mais alto em 24 anos na época.

Neste subgênero, o nome mais famoso é, sem dúvida, Mc Daleste. A fama primeiro se deu pelo talento aparente e diferenciado do cantor e, depois, pela forma como foi assassinado em 2013, aos 20 anos, enquanto se apresentava em Campinas. O paulista emplacou hits como “Deusa da Ostentação”, “Mina de Vermelho” e “Angra dos Reis”, composições que têm a ostentação como tema principal.

*Não vem me dizendo ow, que dinheiro é problema
Faz por merecer, que eu faço valer a pena
Muleque bom à vera, que faz investimento
Financia ousadia e lucra com festa no apartamento
Sem caôzadinha, eu quero paz e money.*

No entanto, o Funk Ostentação é muito criticado e acusado de fazer apologias e incitar o crime como forma de ascensão, enquanto para quem vive de Funk foi um dos grandes momentos de gerar renda e profissionalizar ainda mais a *Cultura Funk*. Sobre isso, o funkeiro e pesquisador Thiago Souza, em seu Instagram, simplifica a questão: “Quem critica a ostentação não sabe o significado da ascensão econômica para um funkeiro de quebrada”. (SOUZA, 2020)

1.2 O Funk na atualidade: “meu Funk continua abalando e cada dia que passa, vai se modernizando, a massa da antiga e a nova geração”

A atual geração do Funk Brasileiro não poderia, sob minha perspectiva, estar melhor. Ao longo dos anos o gênero mais agregou do que se transformou e o resultado disso é o que temos hoje. Há espaço para todas as vertentes e forte interação entre elas. As denominações são variadas, assim como a rica mescla de instrumentos e influências. Funk-pop, Funk 150 bpm, Funk Putaria, Funk Melody e outros.

Com o grande boom das mídias digitais, a *Cultura Funk* está cada vez mais profissional e seguindo seus propósitos. O gênero está sendo pautado em outros veículos, que não tradicionais, e experimentando uma nova forma de visibilidade, como veremos mais à frente. E, mesmo com tantas influências mercadológicas, capitalistas, o funk mantém suas raízes sólidas: promover a diversão e falar do cotidiano da comunidade (seja ele qual for) para a própria comunidade. É óbvio que conquistar o reconhecimento de cantores consagrados, tocar em lugares outrora frequentados somente por ricos é um enorme ganho a ser comemorado. Essa é, inclusive, uma das discussões acerca do gênero na atualidade, a tal "venda" dos funkeiros, o que supostamente resultaria numa perda identitária da *Cultura Funk*.

Essa crítica se dá pois as atuais composições e ritmos atendem às várias características de produções da Indústria Musical, ao mesmo tempo em que se fortalece como *mainstream*. Defendo que o Funk pertence à Cultura de Massa, mesmo que, no pensamento frankfurtiano, para ser considerado como tal, a produção do funk deveria ser totalmente voltada para o consumo e lucro. Sabemos que não é, embora, hoje, o interesse mercadológico e financeiro seja mais evidente do que nas décadas passadas. enxergo o gênero como Cultura de Massa na forma mais positiva que pode haver: um gênero que dispõe de mesclas e consegue, de alguma forma, alcançar diferentes públicos e disseminar a realidade (mesmo que editada) de uma parte subalterna da sociedade. No caso do Funk, sem perder sua essência, que, no ponto de vista de Ivana Bentes (2007), em artigo para a revista Cult, está ancorada:

Quando se vê que, mesmo querendo entrar no mundo do consumo, das marcas, das comodidades do mundo capitalismo, parte dos artistas, produtores culturais, ativistas da periferia que ascenderam socialmente, não querem abrir mão da sua cultura e pertencimento, do seu território. Estão aí, no clipe de Anitta, filmado no Vidigal, os memes culturais da periferia pop e global (BENTES, 2007, p.2).

Além disso, querer colocar o Funk como um gênero que busca somente o desabafo, a descrição dos cotidianos na periferia, também é uma maneira de desqualificá-lo enquanto

Música. O doutorando em Funk Thiago Souza diz em seu Instagram: "Quem simplesmente está preocupado em dizer algo que aconteceu, não fala rimando. Saca?". O funk é música e a *Cultura Funk* é formada por amantes que vivem a música e de música. O conteúdo deve ser reconhecido pela qualidade, talento e especialização dos profissionais. E, se o Funk chega com o sucesso que chegou no movimento da Indústria Cultural, é porque qualidade e mérito existem, independente do reconhecimento da sociedade.

2. O funk em *disputa*: “Então bate de frente com a tropa”

Atualmente, com o Funk sendo massivamente pautado nas mídias, podemos pensar que o movimento está se tornando mais aceito pela sociedade. No entanto, o que tem acontecido é a quase obrigatoriedade de pautar o assunto, pois o tempo todo, todos os dias, algo significativo acontece envolvendo o gênero e, cada vez mais, aumenta-se seu número de ouvintes.

Percebemos, então, que a ascensão do Funk é feita por ele mesmo. Ele é o principal objeto emancipatório. Mesmo em meio às ferrenhas disputas como as que veremos a seguir, a maneira como o ritmo sobrevive e conquista novos espaços nos campos simbólicos e reais nos dá a dimensão da força de um movimento.

Para isso, é necessário ir a fundo em alguns dos problemas para identificar a motivação das *disputas*. Elas nascem nas questões culturais e sociais e vão desaguar em consequências territoriais e midiáticas. Aqui, já posso adiantar um fato: a *Cultura Funk* não recua.

2.1 Cultura em *disputa*: “Funk é cultura sim e nas favela é mó lazer”

Para começar a pensar em cultura, gosto de retomar a pergunta feita por Jorge Coli (2010): “A Cultura melhora o ser humano?” Foi, para mim, quase instintivo responder que sim, claro, a cultura melhora a gente. No entanto, ao aprofundar nas hipóteses contidas dentro desse questionamento, há variáveis que mostram que esta não é uma pergunta com uma resposta binária, mas, sim, um ponto de partida para se pensar no que de fato é Cultura e como ela pode representar as múltiplas faces do ser humano.

Coli lança algumas ideias para tentar definir cultura, mas, talvez, a que mais conversa com as definições de outros teóricos dessa área é de que ela é extraordinária, complexa e, nas palavras dele: “não pode ser concebida de modo unívoco, nem em mão única, nem como instrumento” (COLI, 2010, p.333)

Complementando Coli, Néstor Canclini (1989) conceitua a cultura como um conceito de algo que é mutável e está sempre em transformação. Segundo ele, a cultura é o ser/estar de cada povo, com características intrínsecas e com suas próprias formas de organização.

A partir da reflexão dos dois autores, já podemos considerar que a cultura é, principalmente, dinâmica e ampla. E, se avançarmos em reflexões e trouxermos para esta discussão os conceitos de cultura que, ao longo da vida, vamos vivenciando e absorvendo (o que para este estudo, entendo como uma prática primordial), conseguimos elencar outras características que podem conceituá-la. Por exemplo, sabemos que ela está diretamente ligada à identidade de um grupo e se manifesta de diversas formas, sendo a música, a dança e o teatro os mais falados.

Diante dessas respostas e retornando à pergunta de Coli, como pode então a cultura não tornar o homem bom?

A cultura, que desde início parecia tão evidentemente positiva para um pensamento incauto, toma cores assustadoras. Ela surge como manifestação perversa e de classe e como manifestação perversa de indivíduos (COLI, 2001, p.336).

Para ele, portanto, a cultura é capaz de manifestar uma marca de classe. Faz sentido porque a cultura também nasce da expressão de uma sociedade, de um povo e, como sabemos, as diferenças de classe estão presentes em toda história da humanidade. A cultura, então, se torna um produto, e é vista como símbolo de privilégio, de requinte e de um conhecimento erudito.

A partir daí, há grande interesse em identificar e etiquetar o que é ou não é cultura. Interpreto esse interesse como tentativa de legitimar ou deslegitimar histórias, costumes e saberes de um coletivo. E para que isso aconteça, como defende Coli, há interesses de classes envolvidos.

É importante lembrar que este conflito e sobreposição de interesses entra na nossa história enquanto povo brasileiro há muito tempo. O país nomeado Brasil é fruto de invasões colonizadoras as quais deixaram marcas e consequências que convivemos até os dias de hoje e estão relacionadas ao racismo institucional e estrutural. Costumes e saberes europeus foram impostos em nossas terras como se fossem superiores e corretos. No entanto, é preciso tomar propriedade de que essa afirmação não há precedentes e que a cultura brasileira é uma integração de elementos da cultura indígena, da cultura portuguesa e dos africanos.

Canclini (1998), em *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, levanta o importante conceito que aqui cabe, o de *cultura híbrida*, o qual compreende essa integração e a defende como primordial para começar a pensar e a falar sobre as culturas latino-

americanas. Uma *cultura híbrida* não é a junção de uma primeira ou segunda cultura, ela é a soma dessas culturas, o que se transforma numa terceira cultura, com suas características subjetivas.

Essa hibridez, no entanto, por diversos motivos, ainda é vista como inferior e é uma das razões que dificultam o nosso processo de reconhecimento de identidade, de um país com cultura própria. É um dos motivos pelos quais as manifestações culturais são desvalorizadas e estigmatizadas, sendo obrigadas a estarem em constante embate para que sobrevivam. Embates esses que, muitas vezes, são associados a violência.

Ainda pensando nos significados de cultura, nos deparamos com vários sub-conceitos que tentam abarcar a amplitude da palavra e acompanhar a contemporaneidade. Os Estudos Culturais lançam definições como cultura de massa, cultura popular, cultura contemporânea, alta cultura... trago a ideia de Chartier para cultura popular, a qual podemos iniciar uma discussão e associação de cultura e Funk. No artigo “Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico”, ele nos dá dois modelos de abordagem e interpretação para o conceito de cultura popular:

O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada. (CHARTIER, 1995, p.179)

Considerando este estudo, entendemos que o Funk pode ser reconhecido nas duas ideias de cultura popular apresentadas pelo autor. Isso porque, desde o seu início no Brasil, o funk se apresentou como uma expressão artística autônoma e autêntica e, dessa forma, despertou repulsa nos “dominantes”, expondo as diferenças sociais. O pensamento de Chartier é importante para que possamos entender as raízes dos problemas enfrentados pelas chamadas culturas populares, a qual inclui o Funk.

As expressões culturais contemporâneas como a *Cultura Funk*, por exemplo, são as mais afetadas. O Funk carioca, aparentemente, não possui a *finesse* necessária para ser considerado parte da identidade de um povo consciente. Porém, se fizermos uma análise, de acordo com as definições aqui dadas para cultura, conseguimos afirmar que sim, o Funk representa a cultura brasileira.

O argumento usado para deslegitimar o ritmo é que ele faz alusão a violência, drogas, prostituição e etc. e, a cultura não está onde esses elementos estão pois ela deve representar o alívio para a alma, o bem-estar, a erudição... Este argumento perde força quando entendemos que a cultura não é capaz de mudar totalmente os problemas sociais e as pulsões humanas. Ela apenas as representa. Sendo assim, o Funk é a representação de uma sociedade que convive com as mais diversas violências e encontra na música uma maneira de expressão.

A questão, então, que deslegitima ou legitima algo como cultura é, como sugere Coli, uma extensão da luta de classe. A cultura, para ser considerada boa, depende de quem a reproduz e do território em que é reproduzida. O ódio e o não reconhecimento do Funk é uma forma de racismo, como ressalta Adriana Carvalho Lopes (2010) em seu artigo: “A crítica ao funk escancara a maneira pela qual a sociedade brasileira renova seu racismo e preconceito de classe camuflados pela retórica ocidental do “bom gosto estético” (LOPES, 2010, p.2).

A resposta então para a pergunta: *A Cultura melhora o ser humano?* é tão ampla quanto o conceito de cultura. E partindo disso, para chegar a definições plurais e que não são discriminatórias, o necessário é que, como inspira Coli, criemos diálogos e não debates.

A partir do entendimento de que a cultura é atravessada por muitos preconceitos de classe e de raça, nos cabe entender o que procede disso. As disputas que o Funk trava, ou é obrigado a travar.

2. 2. Território em disputa: “A batida perfeita encaixada na letra, foi o meu passaporte das rua”

No sentido literal, a palavra Rua significa um local de passagem, uma via urbana e pública. Para o dicionário Michaelis, o primeiro significado é “caminho público em uma cidade, vila, etc., ladeado por casas, prédios e muros”. Ao trazê-la para o senso comum, a Rua também é um dos marcos da nossa civilização, uma maneira de nos localizar, de organizar um bairro, uma cidade, uma região. Pode representar perigo, vulnerabilidade ou lugar de festejo, além de escancarar as realidades e desigualdades que permeiam uma região.

Ao mesmo tempo em que a Rua se enquadra nesses significados e simbologias, ela passa a ser também um campo de *disputa*, um lugar de embate não só físico, mas, principalmente, político, em que todos são ou deveriam estar interessados. Para o governo, as Ruas representam, acima de tudo, o poder, o controle dos corpos e a ordem. Luiz Antônio Simas, em *O Corpo Encantado das Ruas*, destaca possíveis interesses para que exista essa tensão:

Disciplinar a rua, ordenar o bloco, domesticar os corpos, sequestrar a alegria (prova dos nove!) e enquadrar a festa, por sua vez, foi a estratégia dos senhores do poder na

maior parte do tempo. Do embate entre a tensão criadora e as intenções castradoras, a cidade é um terreiro em disputa que pulsa na flagrante oposição entre um conceito civilizatório elaborado exclusivamente a partir do cânone ocidental, temperado hoje pela lógica empresarial e evangelizadora, e um caldo vigoroso de cultura das ruas forjado na experiência inventiva de superação da escassez e desencanto. (SIMAS, 2019, p.122)

Ocupar a rua, percebê-la como propriedade, como espaço de construção de culturas e identidades e, principalmente, como um lugar público, é travar uma disputa constante. O interesse do Estado pela ordem, pela monopolização dos espaços tem seus motivos ancorados em lógicas discriminatórias e supremacistas. Nela, principalmente nas regiões periféricas, os governos estão sempre aplicando novas, mas nada inovadoras, políticas de higienização e homogeneização, com a justificativa de aumentar a segurança. Afinal, a rua é o reflexo externo que mais pode sintetizar a situação de uma comunidade.

Podemos dizer que esta *disputa* é um dos principais motivos que fazem com que a Rua seja um local de dualidades em que a celebração e opressão dividem o mesmo espaço. Alegria e medo, riqueza e pobreza, glamour e miséria, são alguns dos tantos binarismos ou dualidades associadas ao Brasil, essencialmente ao Rio de Janeiro, onde os bailes funk costumam acontecer na Rua. Micael Herschmann fala sobre a disparidade entre o que é chamado de “Cidade Maravilhosa” e “Cidade do Crime”, e como isso afeta a cultura de um povo, pois o clima criado em torno desses termos sugere um campo de disputa. É de se pensar: se há uma cidade que é, ao mesmo tempo, maravilhosa e criminosa, logo, ela também produz os dois tipos de cultura. Dando linha a este pensamento, qual seria então a música que representa a cidade violenta e criminosa?

O Funk, por diversas vezes, revela as mazelas vivenciadas nas periferias e as múltiplas opressões sofridas pela comunidade. Ele se manifesta na Rua, enfrentando o que é chamado de ordem e rompendo com o imaginário de um Brasil dual, que convive bem com as diferenças. Para Herschmann, “o funk rompe com a ideia de um país libertário/malandro, as representações promovidas pelos funkeiros sugerem um Brasil hierarquizado e autoritário.” (HERSCHMANN, 2010, p. 188)

A Rua para a *Cultura Funk* não se limita às definições literais de dicionários, há múltiplos significados carregados de histórias, dificuldades e afetos. Para o funk, a rua é o ponto de encontro. É o lugar da celebração, da expressão, da ocupação, da exibição e do fluxo. É ela o local principal em que acontece o que é narrado nas letras das músicas. Em suma, a rua é o lugar onde a vida acontece. Essa diferença de significado acentua a *disputa* no âmbito social e

físico, nos fazendo pensar sobre a dificuldade da ocupação do espaço público por corpos periféricos e pela cultura negra.

A Rua é “casa” dos bailes funks, dos fluxos desde os anos 1980. Antes disso, por volta dos anos 1970, quando o funk começava no Brasil, Hermano Vianna (1998), em sua pesquisa, conta que as festas aconteciam em dias de semana em ginásios, casas esportivas e quadras de escolas de samba do Rio de Janeiro. Com a grande adesão, a partir de 1990, os bailes mudam de território e passam a ocupar as ruas do subúrbio, cada semana em um bairro. Segundo um levantamento feito por Vianna na época, em 1987, aconteciam cerca de 700 bailes por fim de semana no Rio, reunindo um milhão de jovens.

Os motivos para que a Rua tenha sido escolhida são os mais diversos. Primeiro, pela localização: dentro dos bairros e favelas, as festas podiam acontecer até mais tarde, sem gerar incômodo aos moradores. Depois, a gratuidade do espaço, o que dava um outro tom para a festa, possibilitava acesso a mais pessoas, criando um espaço de colaboração entre os frequentadores, pois apareciam vários carros de som, mcs, djs e vendedores de bebidas.

No documentário *No Fluxo* (2014), produzido por Renato Barreiros para o Portal Kondzilla, site com matérias e notícias do mundo do Funk brasileiro, MC 's e funkeiros contam suas experiências com os bailes de rua. Nele, Mc Bin Laden diz “Lá [baile funk] é todo mundo junto! Ali, todas as pessoas se conhecem, tá ligado? Aquela comunicação, trocar ideia, fazer os passinhos e começar a zoeira. Pra tu ver... a vida é cheia de sofrimento, cheia de problema na cabeça, mas quando tu vai pro fluxo... só de falar eu já fico feliz porque é um ambiente agradável pra “nois” se divertir” (KONDZILLA, 2014)

O funk não é o primeiro e, certamente, não é a última manifestação cultural, gênero musical nascido e crescido nas ruas brasileiras. O samba e o Hip- Hop, também de origem afro e periférica, experimentaram e seguem vivenciando a batalha que é ocupar a Rua.

O samba, gênero musical que hoje é o mais associado a identidade brasileira, teve suas origens assentadas em terras baianas e cariocas pelos negros de diáspora africana. O ritmo, que, em tom despretensioso, narrava e denunciava a subalternidade brasileira, já foi, literalmente, caso de polícia. Na década de 1920, ouvir samba nas ruas era crime. “Durante as primeiras décadas do século XX, o samba era considerado música inferior, primitiva e lasciva. A partir dos anos 1930, com a Era Vargas, tornou-se símbolo da nacionalidade.” (AZEVEDO, 2018, p.49) nos lembra o pesquisador Amailton Azevedo ao contar sobre a história do samba em seu artigo Samba: um ritmo negro de resistência.

Fica claro que houve interesses políticos para que o samba começasse a ser reconhecido como parte importante da nossa história. As músicas na época passaram por um “filtro”, de

modo a agradar a campanha eleitoral de Vargas, que criava um imaginário de Brasil que convivia bem com a miscigenação e a pluralidade. No entanto, muitos dos sambistas expressaram nas músicas o descontentamento e a estigmatização em que viviam, e que perdurou por anos. Mais tarde, em 1987, Bezerra da Silva, lançou o álbum *Justiça Social*, que contava algumas das mazelas vividas pelos negros e pobres do Rio de Janeiro. Na música de mesmo nome do disco, ele canta:

*Quase prendem meu disco houve um disse me disse
Pintaram o diabo, só porque em outro samba
Eu pedi para um homem não ser condenado
Fala mais alto a justiça lá do céu.*

Neste trecho, podemos compreender, minimamente, o tom do álbum. O compositor narra como ele era visto como transgressor, sugerindo que não há apenas uma forma de justiça, podendo-se interpretar que ela faz distinção social de acordo com a cor.

O samba, desde que é samba, tem um caráter subversivo e está em disputa pela Rua. Hoje, mais consagrado, respeitado, ainda sofre bastante preconceito e, no entanto, resiste e é símbolo de festa em muitas cidades brasileiras.

Já o Hip-Hop, movimento de origem norte-americana, começou a ganhar força no Brasil no final da década de 1970, no contexto de ditadura civil-militar brasileira em que os movimentos sociais começavam a crescer no país. Segundo Teperman (2015), a cultura do Hip-Hop se espalhou primeiro pelas periferias do Rio de Janeiro e São Paulo, onde, nas ruas, garagens e estacionamentos aconteciam os bailes. Mcs, rappers e a comunidade, dançavam e cantavam, denunciando nas composições a situação caótica vivida pelos negros e pela periferia. O ritmo, assim como o Funk e o samba, criou uma atmosfera de aliança entre as pessoas da comunidade, sobretudo, entre os negros. Os encontros, além de proporcionarem momentos de lazer, assumiram também caráter político e identitário. “A convivência estimulava a troca de novidades sobre música e cultura negra”, afirma Teperman (2015).

No entanto, como as outras manifestações citadas, a cultura hip-hop também foi e continua sendo estigmatizada e perseguida. Em contrapartida, o movimento hip-hop segue cada vez mais organizado, forte, político e a Rua ainda é o seu local de embate preferido. Exemplo disso é o lema “A Rua é Noiz” muito usado pelo movimento. A frase se tornou mantra após o rapper Emicida cantá-la em uma de suas músicas em 2008, na música chamada “Triunfo”. Interpreto “A Rua é Noiz” como um lema que destaca a origem e reivindica a permanência do Hip-Hop, o ser e pertencer a Rua.

*Já escrevi rap com as ratazana passeando em volta, tio
 Goteira na telha tremendo de frio
 Quantos morreu assim e no fim quem viu? Meu!
 Cês ainda quer mermo ser mais rua que eu
 Na pista pela vitória pelo triunfo
 Conquista se é pela glória uso meu trunfo
 A rua é nós, é nós, é nós (onde nós brigamos por nós).*

2.3 Mídia em disputa: “Nossa invasão é imparável, incansável, pela a rádio, internet, ou TV.”

Existe no Jornalismo uma antiga e ao mesmo tempo recente discussão sobre o que significa a realidade no fazer jornalístico. Antiga porque é uma questão que teóricos importantes já lançaram e recente porque ainda não temos nenhuma resposta ou posição que define o verbo do Jornalismo. O que existem são as hipóteses e, a partir delas, conseguimos chegar em pensamentos interessantes e que fogem da binaridade, do certo ou errado. Antes da notícia há o fato, o acontecimento, o contexto, a narrativa e outra série de questões que vão desembocar nos noticiários.

Muniz Sodré (2009) defende que há, entre todas estas expressões, a emoção, a sensação e os sentimentos. Essa maneira de enxergar o Jornalismo é, para mim, uma das mais valiosas e é também a que mais chega perto de justificar certas narrativas, como as relacionadas ao Funk.

Para Sodré (2009), a notícia é um gênero sociodiscursivo. Essa sócio discursividade é vista nas notícias relacionadas a *Cultura Funk* de uma forma muito característica e repetitiva. Precisamos nos lembrar que há sensações em todas as etapas da comunicação, inclusive, em quem a escreve, no caso, os jornalistas.

Sodré fala sobre o acontecimento midiático e o acontecimento existencial. Para ele, o acontecimento midiático é a narração de um fato e o segundo é a narração de um fato o qual já foi “contaminado” por subjetividades: de quem viveu, de quem viu, de quem narra e de quem ouviu. Com isso, interpreto que não há como lançar mão de nossos valores para aderir uma forma. Tudo na produção midiática envolve afeto.

Sendo assim, as narrativas midiáticas revelam de forma estridente os valores sociais e sentimentais contemporâneos e protagonizam uma *disputa* com a *Cultura Funk*.

Se a mídia é também uma expressão de afetos, como podemos interpretar a rejeição, estigmatização ou glamourização direcionadas ao Funk por ela? Isso é fruto de um sentimento racista e colonizador que vai se concretizar nas narrativas, nas manchetes, nas reportagens e onde mais ela conseguir estar.

Com o objetivo de entender mais sobre este movimento, vamos retomar aos anos 1990. Com o crescimento da *Cultura Funk* e adesão em massa, agora também pela classe média, a mídia se viu obrigada a pautar o movimento. Isso significava que os bailes funks começavam a ganhar maior visibilidade, o que podemos interpretar como algo positivo e ao mesmo tempo negativo. Positivo porque agora com os “holofotes” voltados para o Funk, o movimento se tornava muito mais conhecido, as mensagens e histórias narradas nas músicas mais difundidas e os interesses mercadológicos aumentavam, gerando renda e emprego para a comunidade. Por outro lado, a maneira estigmatizada como a mídia e o Jornalismo começaram a pautar o movimento, o marcou de forma definitiva e continua sendo responsável por dificultar a recepção do gênero pela sociedade.

Isso porque a *Cultura Funk* foi percebida de fato pela tevê e pelo noticiário nos anos 1990, como um gênero associado ao crime, à violência e ao perigo: um atentado social.

No dia 18 de outubro de 1992, o Jornal Nacional, da Rede Globo, começava com uma notícia alarmante: a zona sul do Rio de Janeiro, a praia de Ipanema havia sido tomada por arrastões em plena luz do dia. Em vídeo de acervo do Youtube, enquanto imagens aterrorizantes são mostradas, o repórter narra:

“Rapidamente as gangues tomam conta da areia... Uma parede humana avança sobre os banhistas...pavor e insegurança...Sem que se saiba de onde...começa uma grande confusão... O pânico toma conta da praia...As pessoas correm em todas as direções...São mulheres, crianças, pessoas desesperadas à procura de um lugar seguro...A violência aumenta quando gangues rivais se encontram...Este grupo cerca um rapaz que cai na areia e é espancado...A poucos metros dali outro bando avança sobre a quadra de vôlei...Os jogadores se afastam da quadra e correm para proteger as barracas, mulheres e crianças...Dois policiais...apenas dois...chegam até a areia... Eles estão armados mas parecem não saber o que fazer com tanta correria...Perto dali, rapazes ignoram a presença dos policiais e aproveitam para roubar...”

Durante as semanas e meses seguintes, o assunto rendia. Imagens e relatos que mostravam um lado até então desconhecido da cidade maravilhosa estampavam os jornais de todo o Brasil. Mas a questão é, o que os arrastões têm a ver com o Funk?

As imagens exibidas pelos jornais e TV ficaram impregnadas na memória urbana carioca, sendo mostradas no exterior e corroborando decisivamente, segundo os empresários da indústria turística, para o esvaziamento da cidade naquele verão. Os

cadernos Cidade dos principais jornais do Rio de Janeiro e do país - O Globo, Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, O Dia - analisados na pesquisa passaram a dedicar espaços expressivos (em alguns momentos atingindo quase a totalidade dos cadernos) à tematização do funk, surgindo em profusão matérias com títulos bastante sugestivos como Arrastões aterrorizam Zona Sul, Hordas na praia, Galeras do funk criaram pânico nas praias, Pânico no paraíso, Movimento funk leva à desesperança, que incrementavam o clima de terror (HERSCHMANN, 2000, p.177).

Há em torno deste acontecimento (arrastões de 92) uma clara disputa midiática, revelada por meio de uma narrativa que aterroriza e alarma o público. O fato é que aconteceu, a narrativa é sobre a forma como o que aconteceu é contado, como são escolhidas as palavras, os nomes, as fontes e todas as funções jornalísticas. Essa *disputa* é também uma das mais cruéis no sentido de disparidade, pois sabemos do poder de formação de opinião que a grande imprensa tradicional tem sobre a população. Sabendo disso, a imprensa desenvolveu com a *Cultura Funk* uma relação de interesse muito forte. Primeiro invisibiliza, depois estigmatiza e discrimina e, agora, com o crescimento do Funk, a “glamouriza” quando convém.

Este *glamouriza* vem com muitas aspas, pois a exaltação do funk nas mídias é quase sempre enviesada e carregada de preconceitos e, quando acontece, as vertentes contempladas são o Funk Pop ou Melody, composições consideradas leves, super produzidas e abordando assuntos mais *lights* para a tradicional família brasileira digerir melhor.

Um bom exemplo dessa acepção é a cantora Ludmilla, ex Mc Beyoncé. A artista está no mundo da música cantando funk desde 2012 e estourou com o hit “Fala mal de mim” no Youtube. O funk, com a batida tradicional e letra explícita falava de uma realidade por ela vivida nas periferias onde morava. Nessa época, Ludmilla sofreu muitos ataques na internet que passavam de deboche, ridicularização e racismo. Hoje, um fenômeno reconhecido fora do Brasil e com produções que são consideradas Funk Pop, a mídia a trata de outra forma. Ela abandonou o pseudônimo de Mc Beyoncé, assumindo seu próprio nome e lançando hits mais próximos do Pop. Agora, os noticiários reservam uma outra forma de narrativa para Ludmilla, mas ainda assim, se aprofundarmos na análise, há resquícios de preconceito.

"No início da carreira eu chorava porque só queria ser aceita. Depois que eu percebi a importância de ser empoderada, ninguém pode mais me parar", decreta Ludmilla em entrevista para a revista Uol. Hoje, a cantora estampa manchetes como esta, em que não é diretamente hostilizada, mas sempre levantando polêmicas, sempre em posição de desafio, como se os lugares os quais ela ocupa hoje não fossem lugares onde ela deveria estar.

Figura 1 e 2: Manchetes Correio do Povo e Portal G1 sobre a ascensão da cantora Ludmilla.



Com esta situação, fica evidente a ação do agendamento midiático. A aceitação do Funk Pop em contraste com o Funk Proibidão e o Funk Putaria não é uma mera escolha, mas, sim, uma tentativa de embranquecimento cultural, pois o pop hoje em dia ocupa um lugar considerável em nossa cultura.

Herschmann (2000) nos lembra que o discurso midiático é polissêmico, ou seja, há várias narrativas de um mesmo fato. Além de que todo e qualquer acontecimento, ao ser reportado, passa a ser constituído também pelo sujeito que o reconheceu, nesse caso, a mídia.

Isso pode ser uma das justificativas para as reportagens, títulos e narrativas tão intensas a respeito do Funk. A influência de um editorial agindo diretamente na construção negativa ou positiva de um gênero musical que não possui boa receptividade por um certo público.

Um fato muito significativo que consegue de forma fácil explicar o poder midiático é a informação de que o nome *Funk Proibidão* foi dado pelos jornais, quando queriam se referir aos bailes onde tocavam os funks de consciência, que falavam tudo de maneira escancarada. Então, que posição assume a mídia, ao denominar um determinado ritmo como proibido? Proibido para quem?

Micael Herschmann, em *O funk e o Hip-Hop invadem a cena*, nos lembra algumas formas da mídia agir:

A mídia, portanto, constituir-se-ia em um dos principais cenários de debates contemporâneos; é através dela, de modo geral, que se constroem os sentidos de grande parte das práticas culturais. Além disso, a mídia, por um lado, reconhecidamente, no sentido de integração sociocultural de caráter heterogêneo, no qual culturais minoritárias ou locais consigam espaço significativo de expressão. Por outro lado, é também nos meio de comunicação de massa que se desenvolve grande parte dos processos de estigmatização ou mesmo criminalização das culturas minoritárias, na medida em que acontecimentos, fatos, rituais, e, de forma geral, a "realidade social" ali ganham sentido (HERSCHMANN, 2000, p.89).

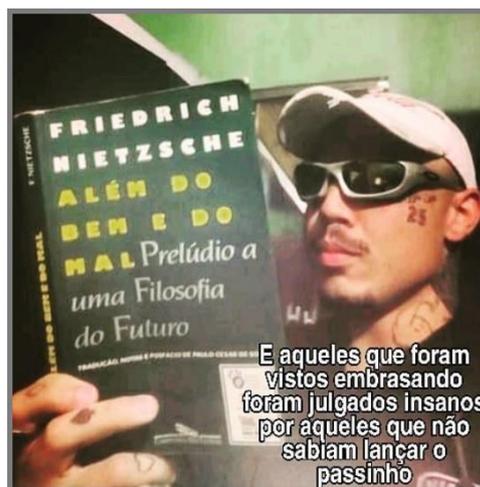
Esse parágrafo sintetiza o que ocorre em relação ao funk e sua relação com a mídia. A associação direta à violência cria o estigma de que o ritmo é violento e faz apologias. Herschmann nos lembra que não é sobre defender e afirmar a inocência, mas entender que há, em toda narrativa jornalística, uma interpretação subjetiva. Ou seja, seria o caso de entender o que está de fato relacionado com os episódios de violência nos bailes, por exemplo. É primordialmente entender o discurso proclamado pelo Funk e seus sujeitos, e, só depois, criar outras narrativas.

Hoje, ao passo em que as redes sociais se tornam cada vez mais fontes de conhecimento, o funk tem tomado mais lugar na cena. De várias formas e linguagens, os perfis buscam desmistificar o Funk e contar, ao contrário do que a mídia fez, sua história, sua ancestralidade e, principalmente, o seu valor cultural.

Seria este movimento uma reação ao embate midiático? Considero que sim. A *Cultura Funk* tem reagido de forma expansiva nos meios digitais e não tradicionais. Se não há espaço em jornais impressos ou televisivos, a internet e as redes sociais possibilitam um espaço para que eles mesmo contem suas histórias, suas culturas e reivindiquem seus lugares.

Com este movimento, as *disputas* ganham outras características. A linguagem não é só musical, é verbalizada, é escrita, dançada e desenhada. Até a ironia é usada como uma ferramenta de *disputa* midiática, como podemos perceber na página @funkeirosculpts. Com 238 mil seguidores, a página ironiza e faz o uso de paródias, usando a literatura e filosofia clássicas sendo personificadas e trazidas para a realidade dos funkeiros. Pode ter quem ache que a página seja só mais uma entre as diversas que publicam memes, no entanto, ela evidencia uma disputa muito bem marcada sobre o poder de conhecimento dentre as classes.

Figuras 3, 4 e 5: Imagens retiradas do Instagram @funkeiroscults. Nelas, há paródias e frases reflexivas sobre a *Cultura Funk* em diálogo com o mundo.



Outra página que está em crescimento é a @canaldothiagson, o doutorando em Funk pela Universidade de São Paulo, negro e periférico, possui 5.700 seguidores e traz à tona temas polêmicos envolvendo o ritmo. O embate já começa quando ele ocupa uma vaga de doutorando na maior universidade do país, lugar majoritariamente branco. Depois, opta por estudar um

tema popular e marginalizado e, por fim, ao mesmo tempo em que divulga o que pesquisa, mais ensina sobre o que vive e o que é. Os posts falam sobre o surgimento do funk no Brasil, as atuais tendências, os artistas e, principalmente, levantam reflexões a respeito do gênero, como, por exemplo, por que queriam e continuam querendo acabar com o Funk? As reflexões trazem teorias e filosofias das áreas de comunicação, sociologia, antropologia e história em uma linguagem fluida e descontraída. O papel de Thiago é claramente uma reação, uma resposta à invisibilização e à estigmatização (quando a visibilidade é possibilitada).

Figuras 6, 7 e 8: Imagens retiradas do Instagram @ocanaldothiagson. As três contêm informações que desmistificam a *Cultura Funk* e mostram a realidade do gênero.



Pensando em estigmatização, é comum atribuir essa palavra a diversas produções midiáticas, sobretudo no Jornalismo. As pessoas ao mesmo tempo em que confiam no que os meios dizem, criticam, dizendo sobre o excesso de parcialidade, de opinião por parte dos jornalistas. Entendemos então que o Jornalismo é capaz de caracterizar e descaracterizar estigmas. Pensando assim, seria possível então reverter a imagem violenta e ruim que foi criada para a *Cultura Funk*? Encontro uma possível resposta para essa indagação na seguinte reflexão de Soares:

(nem tudo nas mídias (ou na sociedade) são estigmas e nem todos os estigmas se articulam da mesma maneira ou tem o mesmo peso nos diferentes grupos. Reconhecê-los já é um desafio, que dirá então transformar essa relação social. (SOARES, 2015, p.29)

Partindo dessa fala, conseguimos ter a dimensão da estigmatização causada pela mídia e a impossibilidade de reverter esse cenário. Também não é impossível que ela possa contribuir para o sucesso do Funk. O que acontece é que a estigmatização tem diferentes pesos e interfere socialmente de formas variadas. É este o caso do Funk, uma cultura afro-americana, híbrida e periférica. Dentro de cada característica citada, há um mundo de discussões e preconceitos, os quais a autora também concorda que reconhecê-los é um grande desafio para a nossa sociedade.

Esse embate tem raízes em questões de raça e classe e, nesse caso, os estigmas tomam proporções gigantescas. Essa é, portanto, uma *disputa* primária entre linguagens, o que, ironicamente, é o que a mídia mais domina e sabe manobrar.

2. 4 Política em disputa: “calma, mãe, me revoltei com estado, se o funk virar crime eu serei o mais procurado”

Funk no Brasil é, infelizmente, caso de polícia e de política. Como já vimos, desde o surgimento e ascensão do ritmo no país, diferentes manobras são realizadas para criminalizar a cultura. Por isso, em 2009 após mais uma tentativa de apagamento do Funk, foi instaurada no Rio de Janeiro a lei 55343/09 que diz o seguinte:

Lei 5543/09 | Lei nº 5543, de 22 de setembro de 2009

Publicado por Governo do Estado do Rio de Janeiro

DEFINE O FUNK COMO MOVIMENTO CULTURAL E MUSICAL DE CARÁTER
POPULAR.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Faço saber que a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica definido que o funk é um movimento cultural e musical de caráter popular.
Parágrafo Único Não se enquadram na regra prevista neste artigo conteúdos que façam apologia ao crime.

Art. 2º Compete ao poder público assegurar a esse movimento a realização de suas manifestações próprias, como festas, bailes, reuniões, sem quaisquer regras discriminatórias e nem diferentes das que regem outras manifestações da mesma natureza.

Art. 3º Os assuntos relativos ao funk deverão, prioritariamente, ser tratados pelos órgãos do Estado relacionados à cultura.

Art. 4º Fica proibido qualquer tipo de discriminação ou preconceito, seja de natureza social, racial, cultural ou administrativa contra o movimento funk ou seus integrantes.

Art. 5º Os artistas do funk são agentes da cultura popular, e como tal, devem ter seus direitos respeitados.

Art. 6º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2009.

Esta lei foi sancionada pelo então governador do Estado Sérgio Cabral e o texto elaborado pelos então deputados Marcelo Freixo (PSOL) E Wagner Montes (PDT) após muitos episódios de preconceito, proibições e inviabilização dos bailes.

Figura 9: Postagem do Instagram a respeito da denúncia contra os mcs Maneirinho e Cabelinho.



A imagem da página @funkeiroscult expressa o que vêm acontecendo com uma certa normalidade com os funkeiros e funkeiras. Perseguição e tentativa de criminalização são maneiras evidentes que a força repressora que o Estado usa para ganhar a *disputa* política. Aconteceu com o samba, acontece com o rap e acontece muito com a *Cultura Funk*.

Desde a disseminação dessa cultura, diversas *disputas* políticas foram travadas por meio de protestos, projetos de leis, denúncias de apologia e prisões injustas.

Chamo de “*Disputa Política*” aquela que o Estado trava contra a *Cultura Funk* e os funkeiros usando leis e forças policiais a seu favor. Essa, como as outras, tem suas origens, como vimos anteriormente, no racismo e no desejo de extermínio dos corpos negros e tudo que deles provêm. Matar a cultura de um povo é matar a memória de que eles existiram e continuam a existir.

Essa *disputa* social toma grandes proporções nas relações pessoais e, também, *políticas*. Expondo a maneira como as opiniões e os interesses políticos brasileiros se divergem ao longo dos anos no que diz respeito ao Funk, começo lembrando os projetos de lei levados já ao Congresso em relação à *Cultura Funk*.

No ano de 2016, o Dia Estadual do Funk em São Paulo foi sancionado por Geraldo Alckmin. O dia 21 de setembro também ficou marcado como lembrança ao Mc Daleste, cantor do funk assassinado no palco, em 2013, aos 20 anos. Já no ano seguinte, em 2017, Alckmin assinou decreto que restringia festas e bailes realizados nas ruas dos bairros periféricos em que as músicas eram tocadas nos sons dos carros. Com a nova regra, o poder de intervenção policial ficou ainda mais forte.

Em março de 2018, em um movimento de resistência, a vereadora do estado do Rio de Janeiro Marielle Franco criou o projeto de Lei Nº 711/2018 que consagra o Funk como tradicional na cultura carioca e prevê alternativas para sua descriminalização, dando como justificativa “o funk está diretamente relacionado aos estilos de vida e experiências da juventude de periferias e favelas”.

Art. 1º Fica criado o Programa de Desenvolvimento Cultural do *Funk* Tradicional Carioca.

Parágrafo único. O Programa a que se refere esta Lei consistirá em fundamentar o movimento na identidade cultural da diáspora africana, resultado do processo híbrido, influenciado pela música eletrônica negra norte americana, o *Hip Hop* e os ritmos do subúrbio negro carioca do final da década de 70.

Art. 2º O Programa de Desenvolvimento Cultural do *Funk* Tradicional Carioca tem como objetivo:

I – fomentar e incentivar a produção artística, de músicas, danças, livros, audiovisual, fotográfica, moda, entre outras, do movimento *Funk* Tradicional Carioca, para promover o desenvolvimento socioeconômico e territorial na cidade;

II – promover e difundir a cultura *Funk* Tradicional, em veículos de comunicação institucionais da Prefeitura, para o fortalecimento deste movimento cultural, evitando com isso sua marginalização;

III – disponibilizar aparelhos culturais e promover a ocupação de espaços públicos, a exemplo de lonas, arenas, teatros, praças, campos e ruas, para apresentações artísticas e integração comunitária, em torno deste movimento cultural;

IV – promover a articulação permanente entre produtores, artistas, representantes de galeras e demais participantes deste movimento cultural, para potencializar a cadeia produtiva e promover ações sustentáveis em rede;

V – promover a capacitação de agentes culturais do movimento *Funk* Tradicional Carioca para incentivo à produção de Projetos e eventos culturais do gênero em aparelhos culturais municipais e espaços públicos da cidade;

VI – criar um fórum permanente e integrado com as instituições do poder público e da sociedade civil para classificação e elaboração de diretrizes para atividades culturais relativas ao gênero *Funk*, preservando o caráter espontâneo deste movimento artístico-cultural e popular;

VII – reconhecer os ofícios de Mestres de Cerimônias - MC's, *Disc Jockeys* - DJ's e dançarinas e dançarinos, como elementos artísticos fundamentais para a prática cultural deste gênero musical;

VIII – preservar o *Funk* Tradicional através do incentivo à produção artística e cultural, à realização de pesquisas e seminários, e a promoção de espaços de memória e desenvolvimento, físicos e virtuais, na cidade do Rio de Janeiro;

IX – mapear manifestações culturais do movimento *Funk* Tradicional com o objetivo de identificar suas principais características, ressaltando aspectos como territorialidade, espaços de produção, identidade e memória;

X – promover a transmissão de conhecimento entre as gerações do *Funk* Tradicional Carioca.

Art. 3º O Poder Executivo adotará as medidas necessárias no sentido de indicar o órgão competente responsável pela coordenação deste programa.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Com as questões levantadas pelo projeto, a ideia não é só "liberar" o pancadão. É dar ao Funk a consideração que se dá ao que é chamado de cultura. Dar condições para que os bailes e a produção artística aconteçam de maneira digna, seja apoiada e valorizada.

Ainda falando do projeto de lei de Marielle, aponto como ele se difere das outras políticas públicas já criadas para o Funk, que por sua vez são todas ligadas à segurança: reforços policiais, aumento de bases de segurança nas regiões dos bailes, obrigatoriedade de permissão das UPP's para a ocorrência das festas, dentre outras medidas que sugerem os bailes como locais perigosos e a violência como algo predominante.

Diante de leis aprovadas, sancionadas, quebradas e etc., continua acontecendo, fora do papel, os resultados desses embates políticos. No Rio de Janeiro, o caso Rennan da Penha ficou largamente conhecido no ano de 2019, devido ao sucesso do cantor e fama do Baile da Penha e Baile da Gaiola - bailes em que o DJ costuma ser o protagonista e arrasta para a pista cerca de 20 mil pessoas por edição, segundo o site Kondzilla. Rennan foi acusado em 2016 por ser o olheiro do tráfico nos bailes e fazer apologia ao uso de drogas, mas por falta de provas, foi absolvido. A acusação se estendeu até março de 2019, quando em segunda instância, a Justiça determinou sua prisão, causando revolta nos funkeiros.

Rennan foi condenado a prisão de 6 anos e 8 meses em regime fechado e foi solto no dia 23 de novembro após a mudança no Supremo Tribunal Federal, que derrubou a

possibilidade de prisão em segunda instância. No entanto, o DJ chegou a ficar preso injustamente durante 8 meses em Bangu.

Figura 10 e 11 - Manchetes referentes à prisão injusta do dj Rennan da Penha.



Também em 2019 (as datas servem também para vermos o quanto essa realidade é atual) outro caso lamentável ocorreu em São Paulo. Na madrugada do dia 1º de dezembro, nove pessoas foram mortas pisoteadas no baile da DZ7, em Paraisópolis, segunda maior favela do estado, após ação da Polícia Militar. Entre os mortos, quatro ainda eram menores de idades, amavam funk e tinham muitos sonhos, segundo familiares.

A operação da PM no baile da DZ7 é algo comum e só em 2019 foram 45 intervenções feitas. Nesta, a polícia afirma que chegou ao baile atrás de ladrões que teriam roubado motocicletas; no entanto, os vídeos gravados por moradores mostram outra coisa: agressões de todas as formas direcionadas aos funkeiros que ficaram encurralados nas vielas. Mesmo com testemunhas, vídeos e diversas manifestações, mais de um ano se passou e até então ninguém respondeu pelo crime.

Figura 12 e 13 - Manchetes referentes à tragédia em Paraisópolis, quando 9 jovens foram mortos no baile da DZ7.

Conteúdo publicado há 12 meses

Após ação da PM para dispersar baile, 9 morrem pisoteados em Paraisópolis



G1

SÃO PAULO

Nove pessoas morrem pisoteadas em tumulto após ação da Polícia Militar durante baile funk em Paraisópolis, em SP

Outras duas pessoas foram internadas depois de tumulto na comunidade, que tem 100 mil habitantes e é a 2ª maior da cidade. Houve confusão e correria com a chegada da PM ao local; evento tinha cerca de 5 mil pessoas, segundo a polícia.

Por Robinson Cerântula, César Tralli e Bárbara Muniz Vieira, TV Globo e G1 SP
01/12/2019 10h55 - Atualizado há um ano



Um caso mais recente envolvendo o Funk foi a intimação dos mcs Maneirinho e Cabelinho por suposta apologia ao crime e ao uso de drogas. A acusação foi encabeçada por pedido de um candidato do PSL, segundo Cabelinho. O nome do político não foi revelado. Nas redes sociais, no dia 29 de outubro de 2020 os mcs disseram o seguinte: "É com muita tristeza no coração que venho informar todos meus fãs e amigos de profissão que fui surpreendido com uma intimação. Estou sendo acusado de apologia ao crime. Peço que todos meus seguidores funkeiros e amigos da música me ajudem nessa. Não posso ser vítima dessa covardia que estão querendo fazer comigo e outros funkeiros. Já não basta tudo que eu tive que passar durante todos esses anos. Quem me conhece sabe do meu caráter e minha dedicação ao meu trampo", escreveu mc Maneirinho. A denúncia foi feita após o lançamento da música "Migué", escrita em parceria com mc Cabelinho:

*De Porsche eu vou descer
Quero nem saber quem vai... querer falar
Só tijolão de cem, plaque tem também
Então vai sentar pro pai*

*Sei que você gosta dos menor que é tralha
 Mete o migue nele, vem sentar na vara
 Que os amigo tá de Glock de pé no plantão.*

Já MC Cabelinho disse o seguinte: “Vocês querem que eu cante sobre o que? Em muitas das minhas letras falo mesmo o que eu vi e do rolê violento da vida de todo morador de comunidade. E podem ter certeza que, até onde puder, eu vou continuar fazendo a minha música assim. Prenderam Renan da Penha e querem me prender. Vão querer prender todo o favelado que consegue espaço e reconhecimento na sociedade”, declara o funkeiro, dono do hit é “Favela Venceu”.

Outro caso semelhante foi em 2015, quando o Ministério Público interferiu na carreira do Mc Pedrinho, que na época tinha 13 anos e cantava Funk Putaria e com muitos palavrões. A Justiça determinou que o Mc não tinha idade para a exposição dos temas aos quais ele tratava em suas músicas. Como punição, houve a retirada de seus conteúdos de todas as redes. Para a Justiça, os shows de Pedrinho violavam o Estatuto da Criança e do Adolescente e eram incompatíveis com a condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. O menino estava no auge da fama no momento da denúncia, o que levantou inúmeras discussões acerca da perseguição sofrida por funkeiros, pois, crianças cantando músicas que versam situações adultas em outros gêneros musicais não são questionadas.

Figura 14: Manchete do Portal G1 sobre Mc Pedrinho.

The image shows a screenshot of a news article from the G1 portal. The header is red with the G1 logo and 'SÃO PAULO' in white. Below the header, the word 'MÚSICA' is centered. The main headline reads: 'MC Pedrinho, de 13 anos, é proibido de fazer shows, após liminar do MP'. A sub-headline states: 'Se cantor se apresentar haverá cobrança de multa de R\$ 50 mil por show. Vara da Infância exigiu a retirada de conteúdo do MC das redes sociais.' At the bottom, there are social media sharing icons for Facebook, Twitter, Google+, and Pinterest, along with the text 'Do G1, em São Paulo'.

3. O Funk na boca do povo e da mídia: observação e análise de manchetes e notícias

Até aqui, falamos e tivemos a constatação de que o Funk é mídia, é fato, é discussão e é embate. Chego neste capítulo para, finalmente, lidar com manchetes jornalísticas a respeito da *Cultura Funk* e constatar mais uma vez que ela viveu, vive e provavelmente viverá eternas *disputas*. Para mim, pessoalmente falando, nesta altura do trabalho, Funk e *disputa* se fundiram, são as mesmas coisas e é, a partir desta ideia, somada a todas as outras discutidas anteriormente, que faço uma análise descritiva sobre as narrativas.

Se você procurar no Google, abrir a newsletter do seu jornal preferido, abrir um jornal impresso ou ligar um noticiário que estiver falando de Funk, há dois possíveis enredos: o primeiro, o Funk associado ao crime, à violência, à polêmica e à apologia, palavra essa que parece até ter sido descoberta junto do Funk, de tanto que a usam para criminalizar funkeiros. O segundo possível enredo é o Funk como objeto de mudança de vida, salvador da pátria e subversivo. Esses adjetivos são usados para justificar os holofotes voltados ao que é produto preto e periférico. Somada a isso, também aparece a questão cultural. Ah, a cultura... essa coisa que no Brasil é quase sinônimo de riqueza e elevação social.

Ao me deparar com a repetição desses enredos - seja qual fosse o fato - separei os que mais apareciam e os listei, criando assim uma categorização que nos permitirá analisar essas questões. São elas: *Territorialidade*, *Conveniência* e *Cultura*. Expressões que aparecem muito nas páginas passadas e seguem sendo para mim, a principal busca, o maior espanto e impulsionadora dúvida.

Dentre os mais variados jornais que replicam notícias do mundo do Funk, foquei em três e são eles: A Folha de São Paulo, Portal G1 e Portal O TEMPO.

O primeiro, um dos jornais mais tradicionais do país, com muitos adeptos e defensores. Referência para a elite paulista e considerado por muitos um jornal comprometido e “imparcial”. O segundo, filiado do Grupo Globo de Comunicação, é um portal amplo, focado em notícias factuais e que recebe muito prestígio do público em geral. O terceiro é, de acordo com o Índice de Verificação de Circulação (IVC), o jornal mais comercializado em Minas Gerais, junto ao Super Notícia, do mesmo grupo. Eles representam a venda de 90,07% de todos os exemplares mineiros comercializados no estado. Nele, há a mescla de notícias factuais e grandes reportagens e consegue abranger diferentes públicos.

A justificativa em escolher esses três jornais se deu pela diferença das frentes editoriais. Cada um se manifesta de uma forma e é recebida de outra. No entanto, o que me chamou a atenção foi a semelhança que encontrei entre eles quando o assunto era Funk. As notícias,

muitas vezes replicadas de um jornal para o outro, assumem o mesmo posicionamento e estratégias estigmatizadas sobre a *Cultura Funk*.

As manchetes e notícias escolhidas variam entre 2015 e 2021. Um intervalo de tempo curto, mas que, para o Funk, houve muitos acontecimentos e mudanças. Veremos se a mídia acompanhou tal transformação.

Aqui é importante nos atentar ao que Carlos Jáuregui (2010) fala sobre o Contrato de Comunicação. Os produtores de narrativas jornalísticas estabelecem de alguma forma um contrato com os receptores. Há, como em todos os lugares, relações de interesse e papéis sociais tanto no ato de ser fazer notícia, quanto no de ler notícia.

(..) uma relação de cooperação em que os sujeitos em comunicação encarnam papéis e intenções para que o contrato seja efetivado, validando os parâmetros propostos anteriormente. Quando se dá essa passagem, fecha-se um circuito de construção recíproca das identidades dos sujeitos, que passam a compartilhar um mundo de natureza discursiva modelado pela mútua ação. (JAUREGUI. 2010. p.20)

3.1 Manchete e Título no Jornalismo

A forma principal da expressão do Jornalismo é a Linguagem, seja ela verbal, escrita, virtual ou digital. É por meio dela que existe uma significação dos fatos. A partir da linguagem, reverberações se somam no mundo social, dando sentidos, sensações e formando opiniões.

Neste estudo, vamos abordar o uso da Linguagem jornalística usada nos títulos, conhecidos também como manchetes jornalísticas e que têm a *Cultura Funk* como tema.

A relevância em observar os títulos de jornais ditos populares e de grande circulação tem a ver com a afirmação que Carlos Jáuregui (2010), ancorado nos estudos de Emediato (1996), fez em sua dissertação. Ele compreende o título não como apenas uma frase, mas como um enunciado e a considera como um objeto de interação entre participantes de um ato de comunicação. Esta interação estaria sob o contrato de Comunicação estabelecido por contextos e diferentes momentos sociais.

Jáuregui nos lembra que em muitas vezes o único contato que o leitor vai ter com a matéria é por meio do título. Para justificar essa informação podemos lançar várias hipóteses como a seleção de interesse ou a minimização do tempo, por exemplo. O fato é que um título é uma interação. E, sendo uma interação, ele passa a produzir algum sentido no campo da linguagem e no imaginário social.

Embasado nas ideias de Bakhtin, Jáuregui nos lembra do Contrato de Comunicação que é estabelecido pela linguagem e, ao ler um título, este contrato entra em vigor: o leitor tem uma expectativa e o interlocutor também. Mas, não significa que serão sempre as mesmas.

No caso dos títulos que envolvem o Funk, acredito que o Contrato de Comunicação proposto por Bakhtin fica claro principalmente no que diz respeito às variantes sociais. Ou seja, há o fato e há fatores sociais diretamente intervindo para a produção e para a recepção do título.

Como vimos durante o trabalho, o Funk é uma cultura em constantes *disputas* que atravessam os campos sociais, culturais, políticos e midiáticos; e todos eles utilizam da linguagem para serem expressos. Veremos esses embates na prática durante as análises propriamente ditas.

É preciso levar em consideração que uma manchete ou título, antes que exista, passa por um longo processo. Antes de o jornalista ou editor criá-la, existem diversos cruzamentos e afetos envolvidos, existe um editorial, um posicionamento de interesses.

3. 2 Análise: território, mais do que um lugar onde se pisa.

A palavra território neste trabalho, vem com mais de um sentido. Primeiro, ela significa um campo de saber, de afirmação e aceitação. Depois, um sentido mais próximo do literal, o território é a rua, o local de embate para a *Cultura Funk*. Estes dois sentidos acabam por se tornar dependentes, uma vez que quem tem o direito concedido ao território cultural tem direito também à rua. O que não é o caso do funk e dos funkeiros.

E, é por isso que esta territorialidade fica tão evidente nas letras de músicas e também nas narrativas midiáticas. Aqui, veremos manchetes e matérias que trazem, logo no título, a primeira impressão, uma forte ideia de território. E tenhamos a consciência de que nenhuma é ocasional.

A primeira, do jornal Folha de S. Paulo, é do triste episódio de Paraisópolis, aquele em que a Polícia Militar invadiu um baile funk na cidade de São Paulo causando tumulto e a morte de nove pessoas:

Figura 15: Manchete da Folha de S.Paulo sobre tragédia em Paraisópolis.



O primeiro ponto nesta manchete que mais me chamou a atenção foi a frieza. Não espero que uma notícia seja sempre dada com sensibilidade, embora seja esta a minha maneira preferida de narrativa. Mas a manchete em questão assume um tom frio disfarçado de sinceridade. É como se dissessem: A PM assume o risco de matar pessoas inocentes e nós estamos aqui, escancarando isso. Mas, não se diz, tranquilamente, que a polícia assume o risco de matar ao andar pelos Jardins, por exemplo.

A *Territorialidade* aqui, no caso a favela de Paraisópolis, foi quem ditou a maneira com que esta notícia foi dada. A Folha faz um direcionamento a um tipo de leitor, neste caso, as pessoas que não são de Paraisópolis e também não são parecidas com ela.

Depois, ao ler o que chamamos de linha fina, conseguimos ter uma melhor ideia do que é realmente a notícia, que ela diz mais sobre a culpa do que a intenção da polícia em matar os jovens. Mas como já vimos neste trabalho, a manchete é o que chega primeiro, é o que dita a interpretação da notícia na maioria das vezes.

Sendo assim, neste caso, esta manchete contribui para endossar o imaginário de Polícia Militar combativa, que age com uma intenção clara, a de matar jovens em baile funk. E, se é a PM quem assume este “risco”, alguma razão ela deve ter.

A próxima notícia foi veiculada no Portal G1. Nela o conceito de territorialidade surge como um local, uma localidade, um espaço. “Adolescentes engravidam em bailes funk dominados pelo tráfico em SP”.

Aqui, há muitas *disputas* expostas. Uma tentativa de dar um sentido literal a uma linguagem que de tão exagerada, para mim, entrou em um campo figurativo. Engravidam em baile funk? É uma constante? Acontece com frequência? E mais: elas têm esse resultado da

gravidez nos bailes? É claro que não. Esta manchete se ancorou na ideia de que baile funk é sinônimo de sexo fácil e ao ar livre. Que, obrigatoriamente, as pessoas vão para o baile com o intuito de transar. O que, se fosse realidade, não seria de fato um problema. Mas a questão é que não é. Essa ideia é só mais um dos preconceitos e estigmas, talvez o mais forte, de que baile é lugar de sexo. Em uma live no perfil do @chavosodausp em que o tema é “Minas no funk”, a funkeira Fernanda Souza compartilha conosco uma questão importante: “Eu vou pra baile de favela desde os meus 13 anos e nunca vi nenhuma cena de sexo explícito na minha frente. Mano, se você fizer um bagulho desses em determinadas quebradas, você vai ser arrastado e tomar uma pá de ideia na orelha. Isso não acontece. As pessoas acham que tem sexo no baile funk e não é assim, você não pode nem fazer xixi na rua, tem organização”.

Figura 16: Manchete do jornal G1 sobre bailes Funk em São Paulo.



Se há adolescentes engravidando e se isso é um problema, ele não é, nem de longe, da *Cultura Funk*. A gravidez na adolescência tem variadas causas sociais que passam também pela falta de assistência pública. Logo, a manchete faz parte de um plano antigo e comum: colocar a culpa nos grupos marginalizados. Volto a afirmar: o funk não é a causa, ele é um sintoma. Se há nas letras algo sobre sexo na adolescência, é porque existe na realidade daquelas pessoas.

A territorialidade neste caso é o Baile Funk, o principal local de disputa desta cultura. Um local, segundo o G1, de sexo e que tem como cenário o tráfico de drogas.

O Funk não era, para este mesmo jornal, uma possibilidade de subversão ao difícil dia a dia do jovem periférico? Desta vez não foi conveniente. A manchete trata de um evento online que aconteceu durante a festa de ano novo de 2020 para 2021 por conta da pandemia de coronavírus. É de se esperar que o show não fosse idêntico aos bailes, afinal de contas é um evento online que conta com todas suas limitações.

Figura 17: Manchete do jornal O TEMPO a respeito de um baile Funk na região da Pampulha.



Duas palavras que, para quem minimamente conhece Belo Horizonte sabe que não combinam. Pampulha e baile funk. Isso porque a região da Pampulha é conhecida por abrigar boa parte da população de classe média alta e classe média. O bairro, embora tenha perdido muito do seu prestígio, ainda carrega o status associado à riqueza e conservadorismo. Logo, um baile funk periférico nunca foi bem recebido nesta região. O que fica evidente na manchete é que, ela, sem muitos detalhes, afirma que o baile funk deixou a Pampulha em situação de terror. O título é simplista, de efeito e por isso carrega com ele a estigmatização. Antes de narrar os maus acontecimentos (porque aconteceram) veio a frase de efeito que destina ao baile funk todos os problemas da noite. Fica muito explícito o embate territorial na frase. A Pampulha não é um local de baile Funk, e se for, é como foi, um caos.

Reportagens assim são apoiadas dessa forma pelo leitor:

Figura 18: Comentários de um leitor a respeito da manchete do O TEMPO sobre um baile Funk na região da Pampulha.



Figura 19: Manchete do jornal Folha de S. Paulo fala sobre suposta fragilidade do Funk.



Já que tanto se fala do valor notícia de uma reportagem, a minha primeira reação ao ler essa manchete, foi me perguntar sobre ele. Por que escrever uma manchete dessa? A live em questão teve um grande público e foi assunto nas redes durante dias. De onde vem essa fragilidade do funk? Ela não existiu neste evento. O que existiu foi uma mudança na forma de fazer shows de funk, e se isso é uma notícia deveria ter sido dada de forma real. Em determinado momento, o jornalista escreveu “o DJ estava mais para uma professora do jardim da infância, conduzindo crianças em uma dança de quadrilha, do que para o exímio líder que aglomeravam mais de 20 mil pessoas por baile.”

Figura 20: Portal G1 sobre morte próxima a um baile Funk.

31/07/2016 10h32 - Atualizado em 31/07/2016 10h32

Suspeito de tráfico é morto perto de baile funk em Belo Horizonte

Homem de 21 anos foi baleado dentro de carro.
Suspeitos do crime estavam em motocicleta.

Ao pesquisar notícias relacionadas ao funk, posso dizer que a maioria são sobre assassinatos dentro dos bailes. Por muitas vezes, durante essa busca, foi muito angustiante ver as repetidas notícias que só se diferenciavam pelas cidades ou bairros, em sua grande maioria, nas periferias. No entanto, a matéria acima, veiculada pelo portal G1, se difere dessas notícias

por uma palavra. O suspeito do tráfico em questão não foi morto ou assassinado em um baile funk, e, sim, perto de um. Lendo a matéria não há nenhuma evidência de que o “suspeito de tráfico”, um homem, estava presente na festa. A forção em associar 1. tráfico, 2. morte e 3. baile funk é tão escancarada que não houve a mínima tentativa de disfarce. O uso da palavra perto na manchete pode, para algumas pessoas, passar despercebido, mas não está ali em vão.

Figura 21: Manchete do Portal G1 sobre a presença de um traficante em um baile Funk



A matéria acima, veiculada pelo G1, me impressionou, principalmente, pela capacidade - ou talvez mania - da mídia em nomear as coisas, os eventos, as pessoas. A notícia - de que o chefe da Rocinha foi visto em baile funk - por si só é um fato que chama a atenção e não havia necessidade alguma de espetacularizar o ocorrido nomeando como “baile do tráfico” e usando a palavra “desfilando”.

Além de antiético, nomear eventos culturais pode resultar em estigmas irreparáveis, como o foi com o Funk Proibidão. É importante lembrar que quem deu o nome de “Proibidão” ao Funk foi a mídia em 1992, após os chamados arrastões na praia de Copacabana, os jornalistas se referiam ao funk dessa maneira e assim permaneceu. E, por mais que funkeiros tenham conseguido ressignificar e se apropriar minimamente dessa palavra, o estigma e preconceitos sofridos em decorrência disso são sentidos até hoje.

3.3 O que convém dizer ou não dizer é narrado pela mídia

A *Conveniência* tratada neste tópico tem a ver com os caprichos do agendamento de mídia. Ou seja, o que é bom gera interação e visualização, deve ser narrado. O que não segue estes critérios é descartado. Mas, como vimos, a *Cultura Funk* burla esse agendamento. Ela

precisa ser pautada pois movimenta muitas questões políticas e sociais que se não circularem nos meios convencionais, circulam nos independentes. Então, a mídia tradicional narra o Funk da forma que é conveniente para ela e seu público, confirmando a ideia de Herschmann (2010) sobre a mídia ser estigmatizada e, também uma responsável pela glamourização do Funk.

Figura 22: Manchete da Folha de S. Paulo sobre a cantora Adriana Calcanhotto lançar música ‘Funk da quarentena’.

Adriana Calcanhotto canta 'funk da quarentena' em disco feito em isolamento

'Tiro o pijama, boto uma roupa, tomo café e vou fazer uma música', diz a cantora, que lança o álbum 'Só', sobre a rotina



Essa notícia, também da Folha de S. Paulo, o Funk vem pintado da maneira preferida das pessoas: descolado, subversivo e bom. A questão é que ele vem desta forma devido a intérprete. Adriana Calcanhotto, uma das vozes mais consagradas da Música Popular Brasileira, decide cantar Funk. Na quarentena.

A noticiabilidade desta notícia está associada a uma subversão imaginária que criaram em cima da *Cultura Funk* e é conveniente anunciá-la. “Pega bem” a um jornal tradicional exaltar uma mulher de classe média alta, branca e que “sabe o que é música”, imitando o ritmo dos subalternizados. Que fique claro, a crítica aqui não é em relação a música de Adriana, mas sim ao uso deste fato para colocar o Funk em pauta.

Figura 23: Manchete do O TEMPO sobre baile em Pampulha

AGLOMERADO DA SERRA

PM dá fim a baile funk na base do 'tiro, porrada e bomba'

Policiais foram recebidos a pedradas em festa clandestina com cerca de 2 mil pessoas; balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo foram usadas

Por JOSÉ VÍTOR CAMILO
16/05/15 - 17h50



Nesse caso, a manchete, para noticiar que a PM entrou em um baile funk fazendo o uso de armas, balas de borracha e gás lacrimogêneo usou uma letra conhecida do Funk

“Beijinho no ombro” da MC Valesca Popozuda. A letra, dentro do contexto musical é a seguinte:

*Desejo a todas inimigas vida longa
Pra que elas vejam a cada dia mais nossa vitória
Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba
Aqui dois papos não se cria e nem faz história*

É como se “O feitiço voltou-se contra o feiticeiro”. Comparação essa, muito infeliz e ancorada em preconceitos. O jornal usa o funk de forma convencional para embasar suas opiniões e ainda criar trocadilho com um fato lamentável. Não que o Jornalismo não deva fazer alusões, paródias, etc. Mas, levando em consideração todos os embates e dificuldades vividos pela *Cultura Funk*, aqui, este trocadilho não é bem-vindo.

Figura 24: Manchete Portal G1 sobre mc João e seu sucesso.



Enquanto fazia a busca por títulos, me deparei com vários nesse mesmo tom. A exaltação da “volta por cima”, da perseverança e da sobrevivência que os jovens conseguem com o Funk, é perceptivelmente interessante e conveniente para a mídia tradicional. Embora seja bom e muito feliz que jovens periféricos ganhem seus mundos fazendo o que amam, há muitas problemáticas em torno disso e principalmente na maneira como é noticiado. Inclusive, é notícia porque é uma exceção. A sociedade não espera que alguém ganhe dinheiro honestamente fazendo Funk. Por isso, quando acontece, esses jovens ganham um falso destaque. Ganham matérias repletas de bordões, palavras exacerbadas e uma humanização que outrora jamais foi reconhecida.

As histórias de grandes artistas da música, como o MC João, nestas narrativas são resumidas puramente à sobrevivência, ao sofrimento e a um hit do momento, mas que irá passar.

Ao falar sobre isso, me recordei de duas canções de rap. A primeira é do rapper Emicida em “AmarElo”:

*“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir”*

A segunda, do rapper mineiro Djonga, na música “Nós” do disco “NU”:

*“Não é que não querem ver a gente com dinheiro
Pra esses merda, essa porra é uma questão de vida
Ver meu povo com dinheiro é mole, pô
O que não querem é ver a gente de cabeça erguida”*

Figura 25: Portal G1 sobre onda de violência em São José e Jacareí.



Nessa manchete veiculada pelo Portal G1, nos deparamos com muitas palavras de impacto: mortes, jovens, alertas, fluxos, São José, Jacareí. A sucessão de palavras muito bem escolhidas segue na linha fina, onde palavras do mesmo estilo falam sobre como os bailes são uma ameaça à vida jovem. Mas, o que mais me chamou a atenção foi a escolha da palavra alerta. A morte de jovens neste caso se tornou um alerta para o perigo que é frequentar o baile funk. Dessa forma, querem que pressuponham que baile funk e violência são a mesma coisa. A morte de jovens é uma alerta da violência nas periferias e pronto.

A busca de justificar a violência sofrida por corpos negros e periféricos está explícita nessa manchete. A consequência da violência é um problema social e que diz respeito ao Estado e não a manifestações culturais. E, por falar em responsabilidade estatal, a PM aparece na manchete em questão como um órgão que tem um desafio a ser cumprido. É como uma convocação para que combatam o Funk e não a violência.

Esse título se encaixa na categoria de *Conveniência* porque ele faz associações violentas de forma sutil. Apresenta-se como um “aviso”, um “Cuidado!”, enquanto na verdade estão reforçando um estigma da violência sobre o Funk.

Figura 26: Manchete Folha de S. Paulo sobre Funk de conscientização para a vacina.

Remix de funk de MC Fioti se revela eficaz para conscientizar povo brasileiro da importância da vacina

24/01/2021 09h04 - Atualizado há 2 meses



Nessa notícia evidencio o que já discutimos aqui sobre a impossibilidade de invisibilizar o Funk devido a sua característica de protagonizar espaços sociais. Principalmente quando se trata de massas, o Funk tem alcance e apresenta todo seu potencial em ser direto, contagiante, fácil de difundir.

Em um momento trágico da pandemia do coronavírus, o Brasil consegue produzir uma vacina. Frente a uma grande onda negacionista que é contra a vacinação, nosso país se viu obrigado a ser assertivo em uma campanha. O Funk de Mc Fioti caiu como uma luva. Além do nome da música ser parecido com Butantã, nome do Instituto de Pesquisas Brasileiro, o ritmo é brasileiro e também um dos mais escutados no Brasil. A perfeita e conveniente junção de estratégias que vende um país diverso e que apoia o Funk.

3.4 Cultura é Cultural

Chegamos à categoria que atravessa todas as outras e é a que mais conseguimos enxergar na prática os efeitos de sua discriminação. A ideia e tentativa de definir *Cultura* faz com que as pessoas não saiam do lugar e desaprovem tudo que não tem o modelo europeu colonizador. Esta é uma *disputa* a qual o Funk luta desde sempre e a negação do seu simbolismo cultural acaba enfraquecendo o movimento de diversas formas. Aqui, veremos como essa *disputa* cultural se manifesta, por muitas vezes de forma tímida, mas sempre atrelada ao preconceito.

Figura 27: Manchete da Folha de S.Paulo com declaração de mc Dricka sobre sua carreira.

31.ago.2020 às 19h10

Mc Dricka: 'Mesmo que eu esteja no nível da Anitta, vou lançar funk putaria'



Aqui cabe uma discussão que já trouxemos neste trabalho. A ideia de que quanto mais “pop” for o funk, mas aceito e reconhecido ele é, fica exposta nesta fala da Mc Dricka, cantora jovem que cresceu absurdamente nos últimos anos e é adepta do Funk Putaria.

Nesta fala escolhida pelo G1 para ser o título da reportagem, a artista expõe algumas *disputas*, as quais não foram por ela travadas, mas que ela vive as consequências. A primeira é a diferenciação dos subgêneros do Funk. No seu imaginário, o “nível Anitta” é o máximo que alguém pode chegar cantando Funk no Brasil. E Anitta começou cantando Funk Putaria e ao longo da sua carreira e sucesso, foi variando seus estilos, incluindo batidas e parcerias que mais se aproximavam do mundo pop e hoje em dia não é conhecida mais como funkeira, mas como uma cantora pop.

Outra evidência de *disputa*, talvez uma consequência da primeira, é a validação da cultura. Dricka, nesta fala, entende que o que canta tem um significado cultural, ao qual ela não irá abrir mão. A fala me soa como “Quero crescer sendo o que sou e vocês terão de me aceitar”.

Figura 28: Título de artigo de opinião da Folha de S.Paulo a respeito de ritmos brasileiros.

DELTA FOLHA

Brasil é o país mais isolado musicalmente no mundo

Hits no Spotify brasileiro dificilmente são sucesso em outros locais



O que significa isolado neste contexto musical? Sabemos, ao longo deste trabalho e com nossa bagagem de que o Brasil é um país de culturas variadas e todas elas muito fortes para nossa identidade. Quando se trata de música, o que é tido como música brasileira? Dentre outras, se destacam o samba, o forró e o Funk. As três mais marginalizadas, cada uma com suas especificidades e leituras, mas todas, alvos de preconceito. A manchete acima carrega em cada letra a *disputa* cultural em que somos colocados o tempo todo. O que não seria ruim, se o critério de desempate não fosse classe, cor ou o chamado capital cultural.

O Brasil é um país que exporta seus ritmos de músicas e diversas vezes recebemos notícias de festas em outros países sendo embaladas pelo samba, forró e Funk. Anitta mesmo, talvez seja uma das maiores referências que temos hoje sobre isso. A cantora conquistou o exterior cantando música brasileira. Hoje, canta em três línguas, faz parcerias com a “gringa” toda e somos isolados? O critério para definir nosso país como isolados musicalmente não ficou claro no título (a matéria é algo sobre como o funk é um dos ritmos mais escutados nacionalmente, mas que isso não é capaz de nos levar para o exterior) e isso é muito prejudicial e reforça o já clichê “complexo de vira-lata”² de Nelson Rodrigues Para os funkeiros, serem reconhecidos no exterior não é meta alguma, enquanto não há respeito e liberdade de expressão em seu próprio país. E isso já foi dito centenas de vezes por Cidinho e Doca. É sobre “ser feliz na favela onde nasci”.

Figura 29: Manchete Folha de S.Paulo sobre Funk Indie.



O funk tem vários subgêneros, cada um com uma história, um porque é todos criados por funkeiros e para funkeiros. “Funk de Pelúcia” me chamou atenção por nunca ter ouvido a expressão, mesmo acompanhando de perto o mundo do funk e, depois, pela justificativa deste tal subgênero. O preconceito cultural é tão grande e se faz tão sutil em uma manchete dessas que é necessário um olhar muito crítico para perceber que Funk de Pelúcia é uma tentativa de tornar o Funk uma música audível para quem não gosta de funk.

² Conceito criado por Nelson Rodrigues no ano de 1950 quando a seleção brasileira perdeu a final da copa do mundo para o Uruguai. A expressão, no entanto, se estende aos outros campos da vida. Nelson Rodrigues acredita que o brasileiro é uma espécie de narciso às avessas e que, por si próprio, desvaloriza tudo que faz.

Ao ler a linha fina, essa hipótese ganha ainda mais força para "agradar novos públicos", "estilo indie". Interpreto essa manchete como um ataque ao Funk como cultura e, também, uma estratégia de higienizar o gênero, somando a ele, elementos da cultura Indie, de originária do Reino Unido. Aparentemente, essa origem europeia é tudo que uma manifestação cultural precisa para ser prestigiada.

Figura 30: Título do artigo do jornal O Globo sobre cultura e Funk.

Cultura da futilidade

TEMA EM DISCUSSÃO: O funk como manifestação cultural

OUTRA OPINIÃO e MILTON RANGEL
27/06/2016 - 00:00



Artigo de opinião postado no jornal O Globo, um jornal que carrega um nome importante e por mais que seja um artigo de opinião, em que se espera um posicionamento por parte de quem escreve, este título é mais do que assertivo em ser preconceituoso. Fútil é uma das palavras mais usadas pelas pessoas que não reconhecem a *Cultura Funk*.

Acredito que mais importante do que criar uma hipótese ou uma defesa para provar que o Funk é sim útil, é questionar o porquê dessa necessidade de ser útil e os desdobramentos dessa palavra. Outros gêneros musicais não têm sua "utilidade" questionada o tempo todo pois se auto justificam. A arte não precisa de justificativa, ela é uma condição da vida, uma necessidade humana, direta ou indiretamente.

Então, sabendo disso, o Funk precisa, aos olhos e ouvidos críticos, ser útil porque não entendem que ele pode só ser, sem precisar de nenhum complemento. Mas, se ainda quiserem discutir a utilidade da *Cultura Funk*, basta ouvir as letras das músicas e ver o que elas causam em quem as consome. O empoderamento, o pertencimento, a alegria, a subversão, a denúncia e outras mil nuances que este gênero possui. Nas palavras do MC Menor em "Funk não é crime", uma boa síntese:

*“Já vi o funk matar muita fome
Eu sou a prova viva, nua e crua
A batida perfeita encaixada na letra
Foi o meu passaporte das rua
Se você é a favor do sistema
Depois que cair não vem pedir ajuda
Não sai do lugar, não procura um progresso*

Quer falar que o funk não é cultura”

4. Considerações Finais

Chegar às considerações finais de um trabalho em que o tema está no campo cultural parece uma ironia e uma contradição. Jorge Coli (2010) fala sobre o quão nocivo é estar confortável quando o assunto é cultura. E o motivo é justamente a sua característica inesgotável, a sua materialização na sociedade, sempre em mudança. E, seguindo sua advertência, tenho certeza de que as questões aqui, embora trabalhadas, estão longe de serem esgotadas.

A *Cultura Funk*, além de inesgotável, é viva, se faz viva e cria também um movimento. A rapidez com que o gênero se modifica, se acrescenta e se reinventa acompanha o ritmo frenético da atual sociedade. Novos mc's, novos dj's, novos subgêneros, novas discussões e por aí segue. Porém, chego aqui com a mesma crença, e agora também o conhecimento, de que é uma cultura motivada por questões nobres, pela alegria, pela subversão e pela necessidade também. Cultura é necessidade, não esquecerei.

Durante a pesquisa, ao analisar materiais jornalísticos, percebemos que algumas das *disputas* tentam combater essas motivações, fazendo com que a *Cultura Funk* precise disputar para sua sobrevivência plena. Aqui, a plenitude significaria: que funkeiros não morram em bailes ou por serem funkeiros, que não sejam presos e acusados por serem funkeiros, que elas possam escutar o que quiserem, promover as festas que quiserem. Que estejam em segurança, tenham incentivo e ganhem reconhecimento.

Esta condição ainda não é uma realidade no nosso país pois há *disputas* sociais, culturais e territoriais promovidas pelo preconceito e pelo racismo envolvidos. Estão em todos os cantos e ficou evidente nas mais diversas narrativas midiáticas aqui analisadas.

A força da linguagem, tanto jornalística quanto artística, são forças protuberantes nesta pesquisa. O que o Funk é e o que ele expressa acaba desaguando em uma linguagem falada e escrita, porém, por quem não a vive, na maioria das vezes.

E quem escreve - e não vive - ocupa um lugar de visibilidade enorme se comparado à visibilidade que as culturas periféricas possuem. Quero dizer com isso que os jornais, sejam impressos ou televisões, são grandes detentores da informação e formação de opinião. E, sendo assim, ao tecer discursos equivocados, estigmatizados e preconceituosos sobre um determinado tema, a velocidade e assertividade em atingir a população de forma preconceituosa é muito grande. O esforço que a *Cultura Funk* faz para se defender e estar presente nessa *disputa*, é injusto e descomunal, ainda que disputar não seja uma vontade intuída da *Cultura Funk*. As *disputas* e os embates existem como uma condição de sobrevivência do gênero.

E nessa condição conseguimos, finalmente, ter acesso a conteúdos e informações riquíssimas produzidas por funkeiros e pessoas periféricas na internet. Com esta pesquisa, percebi que a internet e as redes sociais podem ser um campo de disputa favorável à *Cultura Funk*, ainda que seja um lugar onde ataques chegam mais depressa e muito mais escancarados. As redes sociais têm servido como um lugar poderoso para o Funk não só por reivindicação, mas para o crescimento e independência. É um lugar onde funkeiros podem divulgar suas músicas, videoclipes, roupas e, ainda, contarem suas histórias, que vão além do sofrimento, do crime, do tráfico, como insiste a mídia tradicional.

Para mim, como pesquisadora e fã do Funk, ver esse movimento acontecendo é fascinante por representar o crescente fortalecimento dessa cultura. Como jornalista, enxergo a necessidade de repensar e fazer repensar, o tempo todo, quais narrativas estamos pregando e quais as consequências de cada palavra.

A força de um título, sabendo que ele chega primeiro ao leitor e direciona sua leitura é outro ponto para se atentar sempre, como leitora também. Desacostumar a ler notícias sobre mortes e assassinatos em bailes funk, porque não é normal, é o resultado de uma *disputa*.

Reforçar a existência de um gênero existente apesar de qualquer coisa. Um gênero que nasceu de grandes referências, brasileiro, feliz e que está no mercado. A discussão não pode mais estar em torno da invisibilização porque o Funk existe. E essa premissa que o faz estar presente e em pauta é apenas uma de tantas outras vitórias que tenho certeza que alcançaremos.

Entender também que o Funk é música, antes de ser uma ferramenta de manifestação ou denúncia. Reduzi-lo a essa condição também é uma forma de afastá-lo do que entendem por cultura. Thiago Souza, o dono do perfil @canalothiangson, em um post recente deu algumas justificativas técnicas sobre o funk:

1. O Funk Atual não tem a mesma batida para diferentes músicas, mas, cria infinitas variações de uma mesma matriz rítmica. Ao contrário do que dizem, é preciso muita criatividade para criar múltiplas variações de um mesmo padrão rítmico.
2. O Padrão rítmico do funk traz, sonoramente, a raiz afro. E embora as batidas tenham mudado desde o Miami Bass, o berimbau está presente, nas bases, do início até hoje.
3. O Funk é um gênero de música eletrônica, isso dá ao estilo uma possibilidade infinita de timbres (sons de características diferentes). Assim, funk é mais rico em timbres que a obra de Mozart, por exemplo.

4. O funk tem uma natureza heterogênea. Há Mc 's com técnica vocal tradicional e Mc' s de voz bem peculiares e caricatos. Pura riqueza de vozes!

Nessas justificativas técnicas, concluímos, mais uma vez, o que foi dito neste trabalho. Desde as motivações culturais, o julgamento, a perseverança e, por fim, a prova de que o Funk é tudo isso que os funkeiros defendem mesmo. Um super gênero!

“Fizemo' mais que uma revolução
Mudamo' a mira dos seus holofote'
Hoje nós tem pra trocar de igual
Esse motivo que te deixa em choque”

De História em História - Mc Hariel

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Amailton Magno. **Samba: um ritmo negro de resistência.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 70, p. 44-58, ago. 2018.

BENTES, Ivana. **O que pode um funk?** Revista Cult. Rio de Janeiro. 2017.

CANCLINI, Néstor-Garcia. **Culturas híbridas.** São Paulo: Edusp, 1998.

CHARTIER, Roger. **Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, n. 16, 1995, (p. 179 – 180)

COLI, Jorge. **O Corpo da Liberdade.** Cosac Naify, Brasília, 2010.

HERSCHMANN, Micael. **Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural.** Rocco, 1997.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena.** Editora UFRJ, 2000.

HERSCHMANN, M. **As imagens das galeras funk na imprensa In: Linguagens da Violência.** 1 ed. Rio de Janeiro : Editora Rocco, 2000, v.1, p. 163-193.

JÁUREGUI, Carlos Fernando Pinto. **JOGOS DE PAIXÃO: uma abordagem discursiva das emoções nos títulos do jornalismo esportivo mineiro.** Belo Horizonte, 2010

LAIGNIER, Pablo. **Por uma teoria do jornalismo: Muniz Sodré em busca dos elementos que compõem o acontecimento midiático.** *Revista MATRIZES.* Rio de Janeiro, 2009.

LOPES, Adriana Carvalho. **“Funk-se quem quiser” no batidão negro da cidade carioca.** Unicamp, São Paulo, 2010.

LOPES, Adriana Carvalho. **CIDADE DO FUNK: EXPRESSÕES DA DIÁSPORA NEGRA NAS FAVELAS CARIOCAS,** Ufba, Salvador, 2010.

SÁ, Simone Pereira de; CUNHA, Simone Evangelista. **Controvérsias do funk no Youtube: o caso do Passinho do Volante.** Eco-pós, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p.1-14, mar. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1401/pdf_41>..

SIMAS, Luiz Antonio. **Um intelectual das ruas cariocas.** Portal Mídia NINJA. Rio de Janeiro, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. **O Corpo Encantado das Ruas.** Editora Civilização Brasileira. 2019.

SOARES, Rosana de Lima. **Mídias e estigmas sociais.** São Paulo, 2015.

SODRÉ, Muniz .**Narração do fato: Notas para uma teoria do acontecimento**, 2009, Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 287 p.

RIVERA, Angel Quintero. **Salsa Sabor y Control: Sociologia de la Musica Tropical**. Cidade do Mexico, 1998.

ROCHA, Rose de Melo. **Imaginários de uma outra diáspora: consumo, urbanidade e acontecimentos pós-periféricos**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/gal/n30/1982-2553-gal-30-0099.pdf>>

VIANNA. Hermano. **Funk e cultura popular carioca**. Rio de Janeiro UFRJ - Revista Estudos Históricos, v. 3, n. 6, 1990 p. 244-253.

VIANNA. Hermano. **O Baile Funk Carioca:Festas e Estilos de Vida Metropolitanos**. Rio de Janeiro,1987.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

MÚSICAS

AMILCKA E CHOCOLATE. **Som de preto**. Rio de Janeiro: Som livre: 2005. 3:00

BEZERRA DA SILVA. **Justiça Social**. Rio de Janeiro: RCA Records. 198. 3.09

CIDINHO E DOCA. **Rap da felicidade**. Rio de Janeiro: Columbia: 1994. 5:12

DJ MARBOLRO, ABDULAH E NIRTON. **Melô da Mulher Feia**. Rio de Janeiro: Prod. DJ MARBOLRO. 1985. 4:59

DJONGA. **Nós**. Belo horizonte: @Ceia Ent. e A Quadrilha: 2021. 03:41

EMICIDA, MAJUR, PABLLO VITTAR. **AmarElo**. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2019. 08:53

EMICIDA, **Triunfo**. São Paulo: Laboratório Fantasma:2008. 4:14

GILBERTO GIL. **Refavela**. Warner Music Brasil: 1977. 3:40

MC COPINHO, MC MANEIRINHO. **Migué**. Prod. Ian Girão: 2020. Rio de Janeiro: 3:15

MC DALESTE. **Angra dos Reis**. São Paulo: FUNK MILLENIUM. 2012. 5:00

MC HARIEL. **De História em História**. São Paulo: GR6 MUSIC: 2021. 02:34

MC JUJU. **Vontade de Vencer**. São Paulo: Novo Império: 2020. 3:41

MC MENOR MR, MC RENAN R5, MC GUUH E MC BOB BOLADÃO. **Funk Não É Crime**. OQ Produções: 2018.6:16

VALESCA POPOZUDA. **Beijinho no ombro**. Rio de Janeiro: Pardal Records: 2013. 7:44

NOTÍCIAS

Jornal O Globo. **Cultura da Futilidade**. 2020.

<disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/cultura-da-futilidade-19580197>>

Jornal O TEMPO. **Pampulha vive terror após baile Funk**. 2018

<disponível em <https://www.otempo.com.br/cidades/pampulha-vive-terror-apos-baile-funk-1.2082043>>

Jornal O TEMPO. **PM dá fim a baile funk na base do 'tiro, porrada e bomba'**. 2015

<disponível em <https://www.google.com/search?q=pm+base+do+tiro+porrada+e+bomba&oq=pm+base+do+tiro+porrada+e+bomba&aqs=chrome..69i57.6241j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>

Jornal O TEMPO. **O TEMPO e Super Notícia representa, 90% do mercado de jornais em minas**. 2019.

<disponível em: <https://www.otempo.com.br/economia/o-tempo-e-super-noticia-representam-90-do-mercado-de-jornais-em-minas-1.2201444>>

Portal G1. **Mortes de jovens impõem alerta sobre fluxo em São José e Jacareí**. 2016

<disponível em: <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2016/05/mortes-de-jovens-impoem-alerta-sobre-fluxo-em-sao-jose-e-jacarei.html>

Portal G1. **Baile de favela muda vida de mc João que sustenta família desde os 17 anos**. 2016

<disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2016/01/baile-de-favela-muda-vida-de-mc-joao-que-sustenta-familia-desde-os-17-anos.html>>

Folha de S. Paulo. **Funk Indie mescla gêneros musicais para agradar outros públicos na internet**. 2020 <disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/05/funk-indie-mescla-generos-musicais-para-agradar-outros-publicos-na-internet.shtml>>

Folha de S. Paulo. **PM assume risco de matar quando agiram em Paraisópolis**. 2020

<disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/08/pms-assumiram-risco-de-matar-quando-agiram-em-paraisopolis-diz-promotoria.shtml>>

Folha de S. Paulo. **Falta de público expõe fragilidade do Funk**. 2020

<disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/12/falta-de-publico-expoe-fragilidade-do-funk.>>

Folha de S. Paulo. **Mc Dricka: mesmo que eu esteja no nível da Anitta vou lançar Funk Putaria**. 2020

<disponível em: <https://sonsdaperifa.blogfolha.uol.com.br/2020/08/31/mc-dricka-mesmo-que-eu-esteja-no-nivel-da-anitta-vou-lancar-funk-putaria/>>

Portal Ego Globo. **Ludmilla, ex-MC Beyoncé, conquista a 'playboyzada' com seu funk pop**. 2014

<disponível em: <http://ego.globo.com/musica/noticia/2014/08/ludmilla-ex-mc-beyonce-conquista-playboyzada-com-seu-funk-pop.html>>

Portal G1. **Adolescentes engravidam em bailes funk dominados pelo tráfico em SP. 2015**
<disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/09/adolescentes-engravidam-em-bailes-funk-dominados-pelo-traffic-em-sp.html>>

Portal G1. **Em baile do tráfico chefe da Rocinha desfila com dezena de fuzis. 2020.**
<disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/15/em-baile-do-traffic-chefe-da-rocinha-desfila-com-dezenas-de-fuzis.ghtml>>

Portal G1. **Nove pessoas morrem pisoteadas em tumulto após ação da Polícia Militar durante baile funk em Paraisópolis, em SP. 2019**
<disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/01/perseguido-e-tiroteio-em-baile-funk-em-paraisopolis-deixa-ao-menos-8-mortos-pisoteados-em-sp.ghtml>>

Portal G1. **Remix de Funk de mc Fioti se revela eficaz para conscientizar povo brasileiro da importância da vacina. 2021**
<disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2021/01/24/remix-de-funk-de-mc-fioti-se-revela-eficaz-para-conscientizar-povo-brasileiro-da-importancia-da-vacina.ghtml>>

Portal G1. **Suspeito de tráfico é morto perto de baile Funk em Belo Horizonte. 2016**
<disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/07/suspeito-de-traffic-e-morto-perto-de-baile-funk-em-belo-horizonte.html>>

Portal Funk de Raiz. **Proposta de Lei para o Funk. 2009**
<disponível em <http://www.funkderaiz.com.br/2009/02/lei-alvaro-lins-funk.html>>

Portal Notícias Uol. **Após ação da PM para dispersar baile, 9 morrem pisoteados em Paraisópolis. 2019**
<disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/12/01/oito-pessoas-morrem-pisoteadas-em-baile-funk-de-paraisopolis-diz-policia.htm>>

Revista Quem. **Notícia Intimação mcs Cabelinho e Maneirinho. 2010**
<disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2020/10/mc-maneirinho-recebe-intimacao-e-e-acusado-de-apologia-ao-crime-covardia.html>>

WEB

Funk Brasileiro: das raízes clássicas até a nova geração frenética. Correio Braziliense, 2018. <disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/08/07/interna_diversao_arte.699492/funk-brasileiro-das-raizes-classicas-ate-a-nova-geracao-frenetica.shtm>

Trajetória do Funk nos últimos 10 anos. Portal Kondzilla, 2020.

<disponível em <https://kondzilla.com/m/a-trajetoria-do-funk-dos-ultimos-10-anos>>